

As ‘Representações’ de Portugal na obra de Eduardo Lourenço

Ricardo Luis Falé Policarpo

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora:
Doutora Ana Maria Pina, Professora Auxiliar,
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2022

iscte

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

As ‘Representações’ de Portugal na obra de Eduardo Lourenço

Ricardo Luis Falé Policarpo

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora:
Doutora Ana Maria Pina, Professora Auxiliar,
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2022

*Para todos aqueles e aquelas que
toleram, enfrentam ou contribuem
para com a minha teimosia
persistente pela procura das
coisas.*

Agradecimentos

Academicamente:

- Agradecimentos à Doutora Ana Maria Pina, pelas várias reuniões, ajudando a dissecar pertinentemente os objetivos desta dissertação, e também pelas pequenas conversas pós-reunião, discutindo sobre os gigantes e outras inquietudes;
- Agradecimentos à Doutora Sofia Macedo e à Doutora Maria João Vaz que, durante o Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura, deram-me a conhecer, continuamente, certos caminhos e áreas, nomeadamente, do Património e da Metodologia;
- Agradecimentos à turma MEGC-1 do Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura, durante 2020-2022, pelo entretenimento, companhia e, honestamente, virtuosa tendência para me fazer obter uma certa ignorância para esporadicamente esquecer o acontecimento de Março de 2020, ainda hoje decorrente;

Pessoalmente:

- Agradecimentos à minha família, por Tudo;
- Agradecimentos aos meus amigos e amigas, por tudo;
- Agradecimentos à minha namorada, pelas caminhadas, visitas à Polónia e outras temáticas idiossincráticas, que me deram as elucidações e fenómenos mentais para os tópicos desta dissertação.

Resumo

Portugal e a génese da sua identidade, apesar da sua história colossal de nove séculos, impérios globais, reinos caídos, mitologias criadas e caminhos ecléticos, encontra-se, agora com a sua inexistência imperial, um mistério na sua imagem objetiva. Quanto mais se tenta descrever e dissecar em pormenor o que é e como se está, possivelmente, a desenvolver, mais complexa a sua explicação se torna. Esta lacónica descrição de Portugal, contudo, não obtém nenhum aspeto de conotação negativa. Muito pelo contrário, tendo em conta o quão exuberante as histórias, filosofia, autores, lendas e fábulas que este pequeno, embora curioso, país criou.

Sendo assim, uma revisão cultural é necessária sobre Portugal e as suas representações como país. Eduardo Lourenço produziu um *organon* imbatível no que toca a dissecar, explorar e investigar este fascinante conto, seja este por ensaios ou crónicas, discutindo em pormenor certos aspetos intrínsecos à cultura e à sociedade Portuguesa. Esta dissertação, então, tem esta jornada – Dissecar a Imagem de Portugal e as suas representações, através de uma análise bibliográfica, sendo estas inspiradas pelas obras de Eduardo Lourenço.

Palavras-chave: Eduardo Lourenço, Crítica Literária, Hermenêutica, Existencialismo, Cultura Portuguesa

Abstract

Portugal and its cultural identity, despite its colossal nine century history, global empires, fallen kingdoms, created mythologies and eclectic paths, has now, without it's imperial existence, a mystery in its definition of Image. The more one tries to describe in detail what it is and how it is possibly developing, the more esoteric the explanation becomes. This laconic description of Portugal, however, does not obtain any aspect of negative connotation. Quite the contrary, considering how lush the stories, philosophy, authors, legends and fables that this small, albeit curious, country has created.

Therefore, Portugal needs a new take on it's cultural belongings and representations as a country. Eduardo Lourenço produced an unbeatable *organon* when it comes to dissecting, exploring and investigating this fascinating tale, whether through essays or chronicles, discussing in detail certain aspects intrinsic to Portuguese culture and society. This dissertation, then, has the following journey – To dissect the Image of Portugal and it's representations, by utilizing the method of work analysis, which are inspired by the works of Eduardo Lourenço.

Keywords: Eduardo Lourenço, Literature Theory, Hermeneutics, Existentialism, Portuguese Culture

Índice

Agradecimentos.....	v
Resumo.....	vii
Abstract.....	ix
Índice.....	xi
Introdução.....	1
Capítulo I – O Estado da Arte sobre EL: Dissertações hermenêuticas e dissertações de crítica literária.....	5
1. Preâmbulo.....	6
2. A Divisão Hermenêutico-Literária.....	8
3. O Estado da Arte: Hermenêutica (Colóquio de Letras Gulbenkian – 85 anos de Eduardo Lourenço).....	10
3.1 ‘Eduardo Lourenço, hermeneuta do imaginário português’.....	12
3.2 ‘Pela mão de Heidegger e Lacan... Ontologia e Imaginário em Eduardo Lourenço’.....	15
4. O Estado da Arte: Crítica Literária (Dissertações Individuais sobre Crítica Literária Aplicada)’.....	18
4.1 ‘Cultura portuguesa e expressionismo’ de Eduardo Lourenço: uma revisão’.....	21
4.2 ‘Contornos da <<Preocupação por Portugal>> no Ensaísmo de Eduardo Lourenço’.....	24
Capítulo II – As ‘Representações’ de Portugal na obra de Eduardo Lourenço.....	27
1. Preâmbulo.....	28
2. Sobre a Cultura: Portugal perdido ou a Europa? (A Europa ou o diálogo que nos falta)....	30
3. Sobre a Identidade: Pragmatismo eterno ou a teoria iluminante (Repensar Portugal).....	35
4. Sobre a Saudade, ou ensaios sobre a Metafísica do espírito lusitano (Da Saudade como melancolia feliz).....	38
5. Sobre o Destino: Premonições e tentativas eternas para um desenvolvimento historiográfico (Psicanálise mítica do destino português).....	43
Conclusão.....	53
Fontes e Bibliografia.....	57

Introdução

“Nos seus já longos oito séculos de existência – fórmula, no fundo, pouco pensável, pois não tem em conta a permanente reciclagem de si mesma que é a vida de qualquer povo – Portugal nunca sofreu metamorfose comparável à dos últimos vinte anos. Não foi apenas uma mudança exterior, uma dilatação comparável à do tempo em que se tornou país das Descobertas, mas uma alteração ontológica, se isto se aplica a um povo”

- Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*

*Deixá-la ir, a alma lastimosa,
Que perdeu fé e paz e confiança,
À morte queda, à morte silenciosa...*

Antero de Quental

Introdução

Esta presente dissertação é de caráter de investigação teórica, baseado em leitura interpretativa, pesquisa bibliográfica e fundamentação do Estado de Arte, com referências e influências, nomeadamente, do Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura, no domínio de ‘Teorias da Cultura’ e ‘Cultura Portuguesa Contemporânea’, lecionadas pela Prof^a Doutora Ana Maria Pina.

Esta dissertação divide-se em dois capítulos: O primeiro capítulo foca-se na contextualização e no Estado da Arte sobre as obras de Eduardo Lourenço (daqui para a frente, para evitar fadiga linguística, quando mencionarei ‘Eduardo Lourenço’ irei simplesmente utilizar a sigla EL, como referência), estudo necessário do qual irei demonstrar qual a conceptualização dos estudos lourencianos feitos presentemente, quais os seus tópicos, a sua relevância e os seus objetivos ao avançarem.

O segundo capítulo vai centrar-se na minha elaboração pessoal, tematicamente sobre os conceitos (neste caso, representações) fulcrais que são intrínsecos para analisar Portugal, historicamente, dos quais estes se vão separar em quatro campos: 1 – Sobre o Destino; 2 – Sobre a Identidade; 3 – Sobre a Saudade; 4 – Sobre a Cultura.

Como o primeiro capítulo desta dissertação foca-se no Estado da Arte, vou apresentar, anunciar e demonstrar como é que os estudos lourencianos se estão a desenvolver e quais as questões que se estão a focar nessa área..

• • •

Sendo Portugal, na sua metafísica, um país com uma multiplicidade de representações, quais destas são as que residem na sua ontologia? Começemos com uma que é natureza para qualquer pessoa portuguesa: A Saudade.

Este *sentimento-emoção* já integrado, não só como mitologia viva na cultura portuguesa, mas transcendendo o local geográfico que lhe deu luz, sendo representado globalmente como algo superior a *nostalgia* ou *lembrança*, instaura uma noção de necessidade, transparência e melancolia imediata ao passar e/ou ultrapassar por certos momentos de luto ou de desafio finalizado.

A Saudade, apesar de ser sentida hoje em dia com motivos práticos e superficiais, originalmente, veio a ser nascida com o objetivo de recalque contínuo na psicanálise

portuguesa, sendo este com o objetivo de nunca esquecer o passado. Esquecer até, possivelmente, poderá não ser um termo apropriado para esta definição de Saudade.

Em outros tempos, Saudade até se pode dizer que era instaurada na *psique* lusitana como habilidade em nunca perdoar aquilo pelo qual perdemos, seja porque razões tenham sido – e quando perdemos algo, como Portugueses, essa perda não é somente um reino ou uma dinastia: É uma perda da nossa identidade, alma como nação e uma desilusão agridoce que nos acompanha até ao fim dos nossos dias, para sempre presente no nosso sofrimento eterno como coletiva.

A Identidade é, também, um tópico importante para definir a imagem portuguesa. Portugal, em geral, não se sabe como definir. É muito débil e frágil na sua essência. Tenta, historicamente, com contos do passado, sejam estes das suas conquistas, viagens globais, reinos ou guerras. Contudo, será, no final do dia, esta proposta válida para definir a identidade portuguesa?

Afinal, existe toda uma cultura presente agora que haverá de ter o seu contributo para uma definição objetiva. Este é um dos problemas de Portugal: A continua dificuldade em arranjar uma identidade própria presente, sem utilização de meros e escassos exemplos obsoletos.

Porque é que isto acontece? Portugal, sendo um dos países mais vetustos globalmente, haveria de ter uma construção minimamente aprofundada de si próprio.

Contudo, quando é deparado com esta questão, é apresentados casos de “antigamente é que era melhor”, continuando uma correlação *ad nauseam et infinitum* de comentários, pseudo-definições e atribuições paradigmáticas para esta questão. Portugal está perdido, e precisa de ajuda para se encontrar.

Sendo a Identidade fulcral para a melhor definição de um país, a matéria sobre o destino também tem que ser aprofundada.

Para onde Portugal vai? No que se baseia neste presente, para levar para o futuro? Com que pensamentos, filosofias e histórias é que vai se fundamentar? Este destino é possível fundamentar com posições presentes? Ou Portugal vai ser para sempre uma terra de maleitas ontológicas e mágoas saudosistas? Estas são as questões que vou explorar para tentar obter uma base sólida quanto ao futuro mais-que-incerto lusitano.

Para concluir, mas não como componente teleológica, vou apresentar o contexto de Cultura nestas obras de EL e como é que a Cultura portuguesa se desenvolve. Vou explorar este tópico não por nomear autores ou obras que fundamentaram a cultura do país (apesar de este aspeto ter a sua função), mas sim observar como a *qualia* da cultura se propaga, seja esta de forma mais prática ou teórica.

Todas estas componentes vão ser desenvolvidas com base em duas obras do *corpus* lourenciano: *O Labirinto da Saudade*, por ser a *magnum opus* de EL, e a obra *Ver é Ser Visto*, por ter sido esta última lançada e ser uma excelente antologia dos melhores ensaios sobre estas quatro representações, em todas as obras de EL.

Vou apresentar escritos das obras de EL em cada das quatro representações específicas que acabei de demonstrar. Após uma análise crítica do texto, irei fundamentar e dissecar essa representação lusitana que EL nos despertou, o que esta tem algo a dizer sobre Portugal, como o diz, como o apresenta e como isso a define.

Como dedicação final desta dissertação, manifesto a importância que a voz de EL tem, que não se perca e que a estudemos detalhadamente, sendo que as representações e definições que este autor demonstrou sobre Portugal são eternas, imateriais e omnipresentes. Que esta dissertação seja uma dedicatória e uma celebração sobre a existência deste *organon*, e que não nos esqueçamos da sua importância na cultura portuguesa.

Capítulo I

O Estado da Arte sobre EL: Dissertações hermenêuticas e dissertações de crítica literária

“Mas, justamente por isso, nada é mais necessário do que rever, renovar suspeitar sem tréguas as imagens e os mitos que nelas se encarnam inseparáveis da nossa relação com a pátria que fomos, somos, seremos, e de que essas imagens e mitos são [...] onde todos os nossos discursos se inscrevem”

- Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*

“Não minimizemos o seguinte: nós próprios, nós, espíritos livres, somos já uma <<transmutação>> de todos os valores, uma viva declaração de guerra e de vitória a todos os velhos conceitos do <<verdadeiro>> e do <<falso>>. Os conhecimentos mais valiosos são os que mais tardiamente se adquirem; mas os mais preciosos discernimentos são os métodos.”

- Nietzsche, *O Anticristo*

Preâmbulo

Para compreender algo, temos que a estudar, investigar, ler, debater e refletir. Logo, antes de dissecarmos e interpretarmos EL, temos que perceber *como* é que o analisamos, não só EL, mas o seu *corpus* e o que este significa. Portanto, antes de prosseguirmos para qualquer que seja a interpretação aplicada (histórica, filológica, antropológica), temos que compreender e aprender como dissecar os textos, obras, ensaios e artigos de EL.

EL é, laconicamente, difícil de definir, na sua interpretação. Em termos de influências tem, obviamente, pensadores continentais e de teoria da literatura, desde Heidegger, Gadamer, Foucault, Eco entre outros. Tendo em conta estas influências, estas vão manifestar-se na maneira como EL vai apresentar o seu organon de ideias, e.g – conceitos como *Ilha Saudade*, *Psicanálise do Destino Português* e *Cultura Auto-representativa*. É, também, um autor que mergulha na subjetividade, saltando nas suas metáforas e teses de ensaio para ensaio, modificando a suposta realidade portuguesa constantemente. Isto é um efeito da sua hermenêutica.

Para ser possível avançar para uma etapa de interpretação válida, objetiva e coerente, é necessário perceber e saber utilizar as ferramentas que são mais utilizadas para conseguir dissecar e avançar com, não só as interpretações das obras de EL, mas como qualquer outra peça que necessite de ser interpretada para retirar significado – na qual esta área é a *Hermenêutica* e a *Crítica Literária*.

A Hermenêutica é uma escola de pensamento associada à maneira de conseguir interpretar, analisar e conceber nova informação, sobre uma certa obra apresentada ou um conjunto de textos¹. As três áreas que são mais associadas a esta vertente de pensamento são a Teologia, Filosofia e a Crítica Literária, sendo que esta dissertação se vai focar e especificar na segunda e na terceira vertente².

A Crítica Literária conta com uma forte história, datando desde os antigos gregos, à 2500 anos atrás, pela doxografia, contudo, devido à melhor aplicação da ciência, conceitos como linguística, teoria da literatura e até a filosofia da linguagem vieram a aprimorar a crítica literária, para esta obter de uma melhor fundamentação, de resultados objetivos e “[...] que, ao

¹ Palmer, Richard, “*Hermenêutica*”, Introdução, pp. 21, Edições 70, 2018, 2ª Edição, Almedina

² Não vou apresentar nenhuma vertente ou teoria hermenêutica e/ ou análise interpretativa de obras teológicas ou religiosas. Infelizmente, ainda hoje, este movimento é associado automaticamente a estes temas, devido aos seus ambíguos inícios na cultura grega, e nos começos da história da exegese bíblica.

especificar as disciplinas, o nosso ponto de vista é o da crítica. Quer dizer, de todos os modos de estudo da literatura, elegemos um – a crítica – e a ele subordinamos todos os outros”³.

Porquê a divisão dicotômica entre hermenêutica e a crítica literária?

Porque isto deve-se ao estado da arte sobre os Estudos Lourencianos, em que esta divide-se em dois campos de estudos: Hermenêutica (Filosofia) e Crítica Literária das suas obras (Teoria da Literatura). Ambas obtêm de estudos rigorosos e intensos, contudo, a Hermenêutica tem uma abordagem muito mais conceptual, enquanto a Crítica Literária tem uma abordagem muito mais prática. Estes são os campos que foram escolhidos, academicamente, para representar EL e as suas obras. São os campos que obtêm melhor representatividade dos estudos e que apresentam melhores possibilidades das realidades lourencianas, sendo que os estudos sociológicos nunca foram de cariz lourenciano (o próprio autor expressa uma certa desconfiança sobre a área) e os estudos de ciência política, economia e outras áreas de vertente mais empíricas incapazes de entender e expressar a verdadeira realidade sobre o aspeto geral de Portugal.

³ Idem, *Ibidem*, pp. 15

A Divisão Hermenêutico-Literária

Na abordagem hermenêutica constam as obras, dissertações e ensaios das quais é aplicada uma desconstrução do pensamento de EL, em como o autor nos disponibiliza a informação sobre o aspeto ou tema. Esta abordagem hermenêutica é muito mais metafísica, com conceitos como *desconstrução*, *fenomenologia*, *semiótica* e *dasein*⁴.

A hermenêutica separa o autor da obra. Considera que a obra é uma “coisa-em-si”⁵, e que ela é o que representa a realidade, na sua maneira. O autor tem influências na obra, como interpretações fenomenologistas e psicofenoménicas, contudo, é a obra que apresenta “a coisa”.

A obra, então, demonstra a sua realidade sobre o mundo com as suas qualidades metafísicas, sendo o seu tema uma representação do mundo (Movimentos que avançaram com esta filosofia em frente foram o existencialismo na primeira metade do séc. XX, a fenomenologia de Husserl e a metafísica de Heidegger). Esta é uma vertente continental e metafísica.

Na abordagem da crítica literária, constam os artigos e autores que se aventuram para uma análise prática literal do que EL consta dizer nas suas obras, separando o autor da obra. Esta é uma abordagem muito mais empírica, pois reúne *linguística*, *história das ideias*, e *factualismo*⁶.

Quanto à crítica literária: Desde os começos da ciência moderna, que houve um formato analítico a seguir no seu pensamento: As provas que constam com acessibilidade, linearidade e factualidade são aquelas das quais constam o retrato da realidade (e isto vê-se com movimentos Comtianos, como o Positivismo Lógico, na primeira metade do séc. XX, pela Filosofia Analítica e o Círculo de Viena, nos primeiros decénios do Séc. XX, com Bertrand Russel e Frege, e pelo “cientismo” popular contemporâneo). Esta é a vertente que a Crítica Literária quer obter de qualquer obra, pois só assim é que é válido demonstrar a representação e assunto que certo autor quer demonstrar. Esta é, obviamente, uma vertente analítica.

⁴ Wheeler, Michael, "Martin Heidegger", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/heidegger/>, em 2. Being and Time 2.1 The Text and its Pre-History

⁵ Stang, Nicholas F., "Kant's Transcendental Idealism", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Spring 2022 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/spr2022/entries/kant-transcendental-idealism/>, em 1.2 The Empirical Thing in Itself

⁶ Mulligan, Kevin and Fabrice Correia, "Facts", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2021 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/win2021/entries/facts/>, em 1.3 Facts and Knowledge

No presente, os estudos lourencianos dividem-se em dois campos: Um de estudo hermenêutico, composto por investigações em que é procurada qual a melhor vertente da *hermeneia* (as escolas de pensamento da hermenêutica moderna são a hermenêutica realista e a hermenêutica fenomenológica⁷) para obter um grau de interpretação e conhecimentos das obras de EL.

O outro lado é de crítica literária, composto por aplicações práticas como semântica, semiótica, história e teoria da literatura, sendo o objetivo deste campo aplicar objetividade e historicismo no que EL está a representar na sua obra, seja esta texto, livro ou artigo⁸. Passemos agora à história dos estudos lourencianos, analisando o estado da arte sobre EL, e como os vários autores aplicam estas duas vertentes.

⁷ Palmer, Richard, “*Hermenêutica*”, Introdução, pp. 86-87, Edições 70, 2018, 2ª Edição, Almedina

⁸ Imbert, Enrique, “*A Crítica Literária: Seus métodos e problemas*”, pp. 54-55, Livraria Almedia, 1987, 3ª Edição, Almedina

Estado da Arte: Hermenêutica

“Chegou, no entanto, a hora de pôr em causa o fundamento dos pressupostos sobre os quais assenta. E isto faz-se melhor, não do interior da própria perspectiva realista, mas saindo dela e inspecionando-a.”

- Palmer, Richard, *Hermenêutica*

O que significa compreender um texto? Pelos vistos, devido à tendência corrente científica, é investigar e dissecar as componentes de uma obra, neste caso, literária, formulando um corpus, integrando os pormenores num sistema, definindo a obra. Contudo, isto pode obter uma forte (mas negativa) conotação subjetiva. Ao aplicar a minha própria orientação e a minha realidade para com a obra, estou a uniformizar aquilo que a minha experiência, neste caso, as minhas máximas, me transmitem.

Sendo assim, provoca-se aqui uma perigosa maneira de perceber a realidade: A obra é aquilo pelo qual eu defino a mim mesmo, utilizando a interpretação sujeito-objeto⁹. Ora bem. A obra e a sua existência, tendo sido produzidas, têm a sua unicidade e propósito em paralelo com a minha existência. Logo, não é completamente correto simplesmente anunciar, utilizando o historicismo e o posicionismo, o que esta certa obra dite.

Um indivíduo que afirme que entende ou compreende uma certa obra de EL é ultrapassar o problema da interpretação sujeito-objeto. É vive-la, sem implementações de máximas e critérios. É ir para além do que apenas perceber o conteúdo analítico do que uma obra pode estar a querer dizer, abandonando o método estéril e frio científico de colocar uma possível ocorrência sublime, em métodos quânticos e qualitativos.

Como é que este fenómeno se traduz? Com a dicotomia positivo-negativa que tal sensação seja possível ao decorrer na sua existência. Ao renegar a posição científica, a pessoa está exposta às verosimilhanças virtuosas que a obra expõe, das quais podem ser uma elevação de características pessoais, através do questionamento e formulação de perguntas que uma pessoa pode fazer, sejam estas inquietudes versões de um acontecimento negativo ou positivo. Citando Richard:

“O que precisamos ... é de uma interrogação dialética que não se limita a questionar o texto mas que permite que o que é dito no texto também coloque interrogações, pondo em causa o horizonte do intérprete e produzindo uma transformação fundamental da compreensão que

⁹ Palmer, Richard, *“Hermenêutica”*, Introdução, pp. 298, Edições 70, 2018, 2ª Edição, Almedina

*temos do tema. Isto não significa uma negação do horizonte do intérprete, nem significa que o nosso próprio horizonte se torne absoluto, como está implícito na maior parte das análises e dos métodos; significa sim uma fusão criativa de horizontes. O facto de apenas podermos compreender dentro do nosso próprio horizonte, e através dele, só em parte é verdadeiro*¹⁰”

Esta é a experiência hermenêutica¹¹, e no cânone de EL é possível ter várias partidas para tais viagens, sendo capaz de ouvir e ler para lá daquilo que a obra somente e apenas disse com as suas teses e convicções. Dentro desta experiência hermenêutica, existem seis definições de pensamento:

*“Hermenêutica como teoria da exegese bíblica; A hermenêutica como metodologia filológica; A hermenêutica como ciência da compreensão linguística; A hermenêutica como base metodológica para as geisteswissenschaften; A hermenêutica como fenomenologia do dasein e da compreensão existencial; A hermenêutica como um sistema de interpretação: recuperação de sentido versus iconoclasmo.*¹²”

Nesta próxima fase vou apresentar os ensaios e as teses que vários autores foram disponibilizando e do qual estes demonstram os conceitos e as referências da hermenêutica, no trabalho de EL. Vou demonstrar dois ensaios, da revista *Colóquio de Letras da Gulbenkian*, publicada em 2009, celebrando 85 anos da existência de EL.

¹⁰ Ibid. pp. 310-311

¹¹ Ibid. pp. 310

¹² Palmer, Richard, “*Hermenêutica*”, Introdução, Edições 70, 2018, 2ª Edição, Almedina

Colóquio de Letras Gulbenkian – 85 anos de Eduardo Lourenço

‘Eduardo Lourenço, hermeneuta do imaginário português’

Maria Teresa Rodrigues

Neste colóquio podemos observar algumas das noções que eu referi, no que toca à hermenêutica. Maria Teresa Rodrigues dedicou um excelente texto para este colóquio¹³, a demonstrar EL como hermeneuta do imaginário português.

Sendo necessária uma consciência erudita na interpretação hermenêutica, para obter um sentido de *Hermeneuein* como “Explicar”, EL obtém de tal eruditismo, partilhando os seus interesses em filosofia, literatura, política, pintura e poética. Isto é imprescindível para avançar com uma compreensão sobre o que o povo português é e será, amalgamando o passado com o presente, criando uma síntese com o futuro.

Comparando com Paul Ricoeur, um filósofo francês que dedicou a sua vida académica à hermenêutica, especialmente nas áreas de antropologia e linguagem¹⁴ (em que, também, ironicamente, teve uma vida tal como a de EL: vidas com presença pública e social bastante enriquecedora, tal como comentadores e figuras públicas):

“Ambos os pensadores reflectem sobre as contruções do imaginário nas suas dimensões poética e social, sobre a ficção, as narrativas históricas e míticas enquanto produções configuradoras dos traços identitários de um povo. Ainda que as áreas de reflexão nem sempre sejam coincidentes ... a verdade é que o modo de as abordar apresenta em ambos um cariz marcadamente hermenêutico.”¹⁵

Esta abordagem é compatível com ambos os autores, tanto EL como Paul Ricoeur, pois ambos utilizam a abordagem do imaginário e dos mitos como construção identitária. Neste caso, na situação de uma identidade cultural nacional e do seu povo. Isto é de vertente puramente hermenêutica, o aspeto de pegar numa realidade para lá do pensamento do autor, mas sim da própria obra a apresentar a sua realidade e como a manifesta.

Como esta abordagem é de estudo comparativo, Maria Teresa Rodrigues apresenta o *organon* de EL com a premissa do “*imaginário cultural português*”, com alguns ensaios fundamentais

¹³ Maria Teresa Rodrigues, “*Eduardo Lourenço, hermeneuta do imaginário português*”, Colóquio/Letras, n.º 170, Jan. 2009, pp. 236-250.

¹⁴ Pellauer, David and Bernard Dauenhauer, “*Paul Ricoeur*”, The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Spring 2021 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2021/entries/ricoeur/>>

¹⁵ Maria Teresa Rodrigues, “*Eduardo Lourenço, hermeneuta do imaginário português*”, Colóquio/Letras, n.º 170, Jan. 2009, pp. 236

para aprofundar esta questão (*Psicanálise Mítica do Destino Português* (1978), *Nós e a Europa ou as Duas Razões* (1988 *Portugal como Destino: Dramaturgia Cultural Portuguesa* (1991) e *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia* (1999)).

Essencialmente, em termos hermenêuticos, para EL (e para Ricoeur e até Gadamer), o português encontra a sua própria definição a partir da sua imagologia, ou seja, como a sua imagem nacional e a sua percepção como povo se molda a partir dos seus mitos e do seu imaginário. O imaginário *lourenciano* é fulcral, como iremos ver, para a clarificação e distinção entre *identidade e imaginário*¹⁶, nomeadamente, na sua autorepresentação.

Este imaginário *lourenciano* e a maneira como a identidade portuguesa se baseia na sua autorepresentação é baseada na teoria hermenêutica de Ricoeur das representações imaginárias criadas como objetos em si mesmos¹⁷, neste caso, os portugueses como si mesmos, como a sua realidade. Fundamentando a sua teoria, baseando na sua própria tese de “Atividade ficcional”¹⁸ e no termo aristotélico de *poiesis*, ou seja, “arte de imitar a realidade”, Ricoeur define a hermenêutica como sendo referências, sendo estas de primeiro grau e de segundo grau.

A referência de primeira categoria é a própria introdução do “imaginário”, sendo esta, por exemplo, ficção, criando assim uma realidade à parte, não obedecendo aos princípios empíricos da “realidade principal”, sendo a realidade que a obra apresenta a sua própria, devido ao estabelecimento em que se encontra; A referência de segunda categoria é através da continuação da obra ou do seu “Poder-Ser”¹⁹, em que, ao continuar a existir, permite ser uma realidade contínua e subjetiva. Para Ricoeur, a escrita não é uma cópia da realidade, mas sim um meio para dar significado ao universo:

“A narrativa histórica só por si, como salientámos anteriormente, não nos pode conferir um estatuto identitário. Com efeito, só a vinculação a um imaginário que tenha um conteúdo – representações partilhadas no domínio das crenças, dos valores, das referências a uma tradição e a uma memória – e um modo característico de funcionamento nos pode conferir esse estatuto”²⁰.

Comparativamente, EL também segue o mesmo tipo de hermenêutica, em que rejeita o aspeto psicológico da análise crítica ou textual, seguindo a sua interpretação textual no caminho em

¹⁶ Idem, Ibidem, pp. 237

¹⁷ Idem. Ibidem, pp. 238

¹⁸ Idem. Ibidem, pp. 238

¹⁹ Idem, Ibidem, pp. 239 - 240

²⁰ Idem, Ibidem, pp. 244

que tipos de realidade é que os textos e os ensaios emanam com as suas realidades convidadas. EL (tal como Ricoeur) procura a referência de segundo grau que estas obras abrem com os seus acessos e é com esta procura que EL encontra a sua tese de “o nosso modo de ser” como manifestação cultural.

As múltiplas referências que EL faz sobre os autores portugueses, por exemplo, na obra *O Labirinto da Saudade*, é a correlação direta para com estas referências de segundo grau – Cada autor declara, com a suas obras, uma realidade de Portugal ou um Portugal como identidade imaginária subjetiva²¹ – “O Portugal de Garrett, o Portugal de Herculano, o Portugal de Júlio Dinis, o Portugal de Camilo, o Portugal de Eça de Queirós”. Aqui, tal como em Ricoeur, também se encontra o termo aristotélico de *poiesis*²² – Para EL, o ensaio é *poiesis*, onde a metafísica da arte é imitar a realidade, sendo que o autor ou o poeta configura a realidade para lá da sua experiência. Isto, também como vimos em Ricoeur, é uma referência de primeiro grau:

“[...] então, o autoconhecimento de um povo, tal como a historiografia se propõe a decifrá-lo, não cria o sentido desse percurso, não capta o que há de permanente sob a mudança, o paradoxalmente inalterável ou subsistente [...] o conceito de identidade que dá sentido à vida de uma coletividade pode comparar-se àquilo que os românticos designavam de <<alma dos povos>>, metáfora definidora do que ao longo da história permanece como essencial e próprio de um povo.”²³

²¹ Idem, Ibidem, pp. 245

²² Idem, Ibidem, pp. 246

²³ Idem, Ibidem, pp. 247

‘Pela mão de Heidegger e Lacan... Ontologia e Imaginário em Eduardo Lourenço’

Maria Manuel Baptista

“A tese de onde partimos é então a seguinte: só é possível compreender o topos filosófico da obra de Eduardo Lourenço, se se levar em conta a conaturalidade que toda a sua produção revela com a criação e o imaginário poéticos. Longe de se tratar somente de uma Estética, e embora não estejamos igualmente em face de uma clássica Metafísica ou de um saber filosófico em forma de sistema, a sua obra constitui um trabalho poético, que no caso da obra lourenciana é uma verdadeira Ontologia²⁴.”

Hermenêutica, no final do dia, é uma teoria do campo da Ontologia, que é um subgénero dentro da Metafísica, que se preocupa com *o que existe na realidade*, ou seja, em termos de entidades.

Como podemos ver, a Hermenêutica é um campo de estudos lourencianos bastante ativo: Utilizando o imaginário e o “poder-ser” para executar uma fenomenologia e compreensão existencial, que é, neste caso, a identidade não só de Portugal, mas como do seu povo.

Num ensaio que é de fundamentação mais histórica, Maria Manuel Baptista partilha o relato de descobertas, inspirações e referências que EL passou, para encontrar e desmistificar o conceito do imaginário²⁵. O ensaio é dividido em dois capítulos, ambas em como EL utiliza as suas influências e partilha de teorias/sistemas filosóficos de outros autores, a primeira metade em que se divide, historicamente, de Bachelard a Durand, e a segunda metade, que se divide de Heidegger a Lacan.

Desde os seus escritos dos anos 40 e 50 baseados em estética kantiana e de Bachelard²⁶, em Antero de Quental ser uma fundamentação da fenomenologia do ato poético²⁷ e o eterno e intrínseco interesse de EL com os mitos e a sua exploração para uma explicação e adenda de uma cultura e o seu povo, EL demonstra, em toda a sua obra, o desinteresse por uma certa construção de um sistema filosófico à lá metafísica.

Não recorrendo a termos transcendentais ou refutações complicadas sobre como esta realidade possa existir, EL analisa e produz uma manifestação da realidade através do “imaginário” e da

²⁴ Maria Manuel Baptista, "Pela mão de Heidegger e Lacan... Ontologia e Imaginário em Eduardo Lourenço", Colóquio/Letras, n.º 170, Jan. 2009, pp. 219 – 235

²⁵ Idem, Ibidem, pp. 223

²⁶ Idem, Ibidem, pp. 223

²⁷ Idem, Ibidem, pp. 223

sua demonstração sublime como explicação, utilizando um interesse pela psicanálise, como estratégia hermenêutica²⁸.

Podemos observar isto através de um dos ensaios mais populares de EL “*Psicanálise Mítica do Destino Português*”, onde EL dissecar e aplica uma psicanálise para explicar e enunciar os mitos portugueses como diretamente incutidos com a realidade portuguesa, sobrepondo a dinâmica sentido oculto/sentido latente, já observado em Bachelard e Lévi-Strauss. EL também não separa a ligação entre o real/irreal, sendo isto uma premissa essencial em EL, para apoiar o seu sistema de fenomenologia sobre o imaginário e o real lusitano.

Quanto ao desenvolvimento do “imaginário” em EL, o autor utiliza as suas influências com orgulho:

“Mais decisivo, por isso, será, no contexto do desenvolvimento da noção de imaginário na obra de Lourenço, o encontro da fenomenologia da imaginação de Bachelard com a psicanálise colectiva de Jung e a fenomenologia da religião de Eliade, encontro que permitirá a Durand proceder, nos inícios dos anos 60, à elaboração de uma antropologia do imaginário. A atenção de Lourenço incidirá particularmente sobre este conjunto de autores dos quais Durante parte, e sobre a própria obra de Durand, reconhecendo aí algumas das suas próprias posições sobre a questão da criação imagética [...]”²⁹.”

Partindo para a segunda metade do ensaio, que vai de Heidegger até Lacan, Maria Manuel Baptista demonstra a importância dos termos heideggerianos e lacanianos para EL, nomeadamente, a psicanálise de Lacan, que incorpora já termos previamente nomeados, como o significante que produz o significado³⁰ (já usado na filosofia da linguagem, por Saussure), e como este reproduz o significante como as imagens que produzem e conferem sentido à própria realidade; E a fenomenologia de Heidegger, nomeadamente, o extrato do *dasein* ou ‘Ser’ em termos heideggerianos, e como a sua procura é através da simbolização do real, entre o ‘Eu’ e o ‘Outro-Eu’, representando a realidade e o imaginário.

Aprofundando a influência de Lacan em EL:

“Deste ponto de vista parece-nos importante sublinhar o modo como, muito particularmente em O Espelho Imaginário, vamos assistindo a um progressivo abandono dos conceitos oriundos das concepções durandeanas (mas também de Jung, de Eliade e, em parte, mesmo

²⁸ Idem, Ibidem, pp. 223

²⁹ Idem, Ibidem, pp. 224

³⁰ Idem, Ibidem, pp. 227

Bachelard) de imaginário, em direcção a uma noção de imaginário que recolhe, modifica e até subverte alguns dos instrumentos teóricos da psicanálise lacaneana³¹”.

EL também utiliza muito como referência a doutrina em Paul Klee que a pintura e a poesia, apesar de métodos diferentes hermenêuticos, baseiam-se na mesma concepção intrínseca – “[...] não é a concepção de pintura que é ‘subordinada’ ou ‘reduzida’ à poesia, mas é a própria noção de poesia que, em Lourenço, é de tal forma lata que parece abarcar toda a experiência metafísica que se desenrola no âmbito de uma luta pelo sentido do mundo e da existência [...].³²”.

Assim conseguimos alcançar uma das fundamentações em EL, que é a concepção que o imaginário é mais real do que a própria realidade e o simbólico³³.

Outra referência de grande importância é o *Ser* de Heidegger (*Dasein*), e como se transmite entendida pelo corpus lacaneano, como “o império do significante³⁴”. Apesar da correlação da hermenêutica heideggeriana e filosofia da linguagem de Lacan não serem imediatamente óbvias na obra de EL, este é visível quando EL parece acompanhar as conjeturas do “primeiro” Lacan sobre Heidegger, do qual o *Dasein* heideggeriano se manifesta através da simbolização lacaneana, fazendo ambos interligados no pensamento lourenceano.

Tal que “acabando embora por se reencontrar com ele ao nível da estrutura temporal do *dasein*, pois que do que se trata na actividade simbólica é de recuperar a autenticidade do sujeito”. Esta é uma das principais teses, por exemplo, na *Psicanálise Mítica do Destino Português*, contudo, aplicado ao “*ser português*”³⁵.

³¹ Idem, Ibidem, pp. 228

³² Idem, Ibidem, pp. 228

³³ Idem, Ibidem, pp. 229

³⁴ Idem, Ibidem, pp. 231

³⁵ Idem, Ibidem, pp. 232

Estado da Arte: Crítica Literária

“Todas as disciplinas que estudam literatura são beneficiadas pela fastidiosa tarefa da erudição. A erudição supre com dados soltos. É um saber pormenorizado. A sua área é vastíssima: nada menos que tudo o tocante às letras. Recolhe e classifica os factos sem os julgar. Elucida uma situação objectiva na vida de um autor ou na sua época;”

- IMBERT, Enrique Anderson, *A Crítica Literária: Seus Métodos e Problemas*

O que significa criticar um texto/obra³⁶? Pela página introdutória em “*A Crítica Literária: Seus Métodos e Problemas*”, Imbert diz:

“[...] que, ao especificar as disciplinas, o nosso ponto de vista é o da crítica. Quer dizer, de todos os modos de estudo da literatura, elegemos um – a crítica – e a ele subordinamos todos os outros. Pelo facto de nos concentrarmos na crítica, todas as outras disciplinas, por dignas que sejam, passam a ocupar uma posição periférica. Aqui interessa-nos, pois, não a exposição objectiva de cada uma das disciplinas, mas o modo como a crítica as mede, ao comparar-se com elas.³⁷”

Por palavras mais analíticas e com um rigor histórico, Imbert apresenta a importância de um ensaio/obra numa maneira completamente qualitativa ou quantitativa, ou seja, um ensaio/obra é medida através dos seus conceitos, visão, estilo de escrita, gramática, enredo, estética, localização e importância geográfica, o propósito do ensaio/obra, etc.

Após este trabalho instrumental é que a crítica propriamente dita é que pode ser realizada, empiricamente, para ser possível extrair alguma representação da realidade sobre o que tal ensaio/obra apresenta sobre o mundo. Que tipos dos métodos de crítica é que podem ser aplicados para extrair tal representação? De acordo com Imbert³⁸ – A Atividade Criadora; A Obra Criadora; A Recriação do Leitor.

Como vai ser a demonstração dos seguintes ensaios que demonstram o estado de arte sobre EL, tanto com esta dissertação, estes três métodos de crítica encaixam-se nas seguintes formas de pensamento:

³⁶ Imbert Enrique Anderson, “*A Crítica Literária: Seus Métodos e Problemas*”, Almedina, 1986, 4ª Edição, Almedina

³⁷ Idem, *Ibidem*, pp. 15

³⁸ Idem, *Ibidem*, pp. 53

No primeiro método, A Atividade Criadora, que coloca em que medida é o valor daquilo que o escritor escreva, é o Método Histórico-Sociológico:

“Se ignorarmos a história desfiguraremos o sentido dos textos. O método histórico não só evita os possíveis erros de uma leitura espontânea, mas também devolve a cada obra a vida e a cor que teve ao nascer. Deste <<historicismo>> - a vida articulada na história, a vida como criação da história, a vida como história – [...] É como se fôssemos completando o nosso desfrute do grande legado literário com sucessivas perspectivas.³⁹”

No segundo método de crítica, A Obra Criadora, em que os métodos de investigação literária assemelham-se aos métodos científicos, recorrendo a hipóteses de fontes históricas, sociológicas, psicológicas ou filosóficas, como a maneira de examinar a obra em si e o que ela é, tal como se utiliza no método científico, é o Método Temático:

“Uma obra tem, no seu centro, um tema: no que diz respeito a esse tema central, há uma tematologia centrífuga e outra centrípeta. Naturalmente preferimos a segunda, visto, visto a primeira considerar que o tema é um elemento solto da estrutura da obra: serve para relacionar obras diferentes ou relacionar uma obra [...] A tematologia centrípeta, pelo contrário, presta atenção à obra em cujo centro estuda relações estáveis entre temas que se repetem [...]”⁴⁰

O terceiro e final método de crítica, A Recriação do Leitor, uma questão e um método de crítica controverso, do qual a subjetividade do leitor “recupera”⁴¹ a mensagem que a subjetividade do autor imprimiu no texto revele alguma objetividade coerente, é o Método Revisionista:

“Está certo viajar até ao passado para avaliar, ali, no seu momento histórico, o que significou uma obra, desde que, depois, retornemos ao nosso século XX e assumamos a responsabilidade de julgar como os homens de hoje [...] Se, pelo contrário, o exame não favorece a obra, há que ter a ousadia da irreverência. [...] Os críticos revisionistas, portanto, interrogam cada obra, cada autor, para averiguar se, além de terem respondido ao seu tempo, sabem responder ao deles.⁴²”

Na próxima fase vou apresentar os ensaios e as teses que vários autores foram disponibilizando e do qual estes demonstram os conceitos e as utilizações de análise literária no trabalho de EL.

³⁹ Idem, Ibidem, pp. 68

⁴⁰ Idem, Ibidem, pp. 112

⁴¹ Idem, Ibidem, pp. 144

⁴² Idem, Ibidem, pp. 153

Focando, de seguida, em dois ensaios sobre a crítica literária, vamos ver o que os autores demonstram e anunciam sobre Portugal e o seu povo, para todos nós o podermos, também, discutir.

“Cultura Portuguesa e Expressionismo” de Eduardo Lourenço: uma revisão

Isabel Cristina Mateus

Começando por fazer uma referência ao 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, onde, posteriormente, EL se iria basear nesses ensaios apresentados e editar o seu livro *A Nau de Ícaro: Imagem e Miragem da Lusofonia* (1998), Isabel Cristina Mateus apresenta o objetivo do seu ensaio: “[...] *saber se na cultura portuguesa e, em particular, na génese e configuração das diversas vanguardas em que se multiplicou o nosso primeiro modernismo terá exercido alguma influência o diálogo com as culturas ditas “bárbaras” [...]*”⁴³.

Aplicando as componentes de análise literária, Isabel Cristina Mateus apresenta, de modo revisionista, se um conjunto de certas palavras (sendo estas “angústia”, “terror”, violência, “vertigem”, brutalidade”, “grotesco” e “espanto”) é possível aplicar a um conceito abstrato como, por exemplo, à “cultura portuguesa”. Com estas duas questões, de acordo com EL, “*não há globalmente na “cultura portuguesa” autênticas manifestações de Expressionismo [...]*”⁴⁴. Porque razão não há? “[...] *deve-se não só ao peso da longa tradição clássica, racionalista [...] mas também ao peso de uma cultura da imagem tal como concebe a tradição católica na qual Portugal [...] se inscreve*”⁴⁵.

Isto iria ter grande impacto no século pós-XIX, onde se instaurava este medo existencial e expressionista quanto ao “silêncio de Deus”, onde o ser se aproxima cada vez mais do racionalismo e da estéril apresentação da realidade, sendo agora verdadeiramente livre sem os confins assustadores, embora acolhedores, do Catolicismo.

Este Expressionismo, para EL é a “*forma mais exarcebada da crise da imagem do homem*”⁴⁶, onde a agora sentida morte de Deus demonstra a verdadeira forma do homem, moldado na sua prévia imagem, contudo, sem ter agora os apoios mentais e sociais que lhe davam tanta segurança. Tal expressionismo foi apresentado e declarado nas mais variáveis maneiras das artes e humanidades, como na Pintura (Edward Munch), na literatura (Franz Kafka) ou em poesia (Georg Trakl).

⁴³ Mateus, Isabel Cristina. “Cultura portuguesa e expressionismo” de Eduardo Lourenço: uma revisão.”, Universidade do Minho, 2009

⁴⁴ Idem, Ibidem, pp. 2

⁴⁵ Idem, Ibidem, pp. 3

⁴⁶ Idem, Ibidem, pp. 4

O Expressionismo tinha, então, o alcance de uma certa “*verdade da alma*”⁴⁷, onde se procura mais o conhecimento interior, de um humano como Humano, rejeitando um tradicionalismo e incorporando uma “mudança de ótica”. Afirmou-se, então, como “*uma forma artística, aquilo que é por natureza indizível ou invisível, isto é, por definição, inexprimível*”⁴⁸.

O avançar de ensaio por Isabel Cristina Mateus irá, agora, apresentar como segunda parte, o Método Temático, referindo outro autor, como uma ferramenta comparatista, para trazer novas perspectivas e avançar com este estado da arte. Necessitando de mais um autor, Fialho de Almeida apresenta-se.

Como o próprio EL observa na obra de Fialho de Almeida como o início do “expressionismo português”⁴⁹: “*O nosso “expressionismo”, na fraca medida em que existiu – e só a partir de Fialho podemos detectar a sua presença -, é um “expressionismo” mais de ressentimento do que de afirmação, todo penetrado da poética da Dor com maiúscula, ou do protesto humilde à Raul Brandão, autor, por antonomásia, dos Pobres*”⁵⁰. Com esta onda de Expressionismo, EL expressa que o seu efeito é devido à conciliação de vários fatores, contudo, a parte de tentar “*conciliar o inconciliável, o inconsciente e a razão, a dúvida e a fé*”⁵¹, este é o pormenor mais importante.

O que destaca Fialho como um exemplo de um autor para EL e a sua razão de o utilizar neste ensaio é devido ao seu estilo de escrita, sendo que “*Para Fialho, não há qualquer possibilidade de regeneração ou transcensão da dor a não ser através da ilusão fugaz ou da “trágica” mentira que a arte propicia: a escrita de Fialho é sem ilusões [...]*”⁵².

É devido a esta frieza estética que Isabel Cristina Mateus apresenta três pontos de foco em Fialho que são importantes para EL e como esta se invoca como referência em *A Nau de Ícaro: Imagem e Miragem da Lusofonia*. Em primeiro lugar:

“*[...] o fascínio de Fialho pelos autores nórdicos ou russos – de um modo especial, por Gógol e Dostoievski que Fialho considera o mestre do “inquietante”, o intérprete dos abismos da alma humana*”⁵³. O tema de “povo inquietante”, “Portugueses sem destino” e “Portugueses sem rota” é um standard no que toca ao léxico nos estudos lourencianos, e aqui podemos observar a óbvia referência que EL faz a Fialho de Almeida.

⁴⁷ Idem, Ibidem, pp. 5

⁴⁸ Idem, Ibidem, pp. 5

⁴⁹ Idem, Ibidem, pp. 6

⁵⁰ Idem, Ibidem, pp. 6

⁵¹ Idem, Ibidem, pp. 7

⁵² Idem, Ibidem, pp. 8

⁵³ Idem, Ibidem, pp. 9

Em segundo lugar: “[...] a ausência de um sentido metafísico, moral, acentua o recorte nietzscheiano da escrita de Fialho [...] a escrita fialhiana afirma-se para lá das categorias do Bem e do Mal, confrontando o leitor com a sua mortal fragilidade, com uma “trágica” mesmidade ou animalidade comum, com o “regresso” a uma “primitividade” pagã [...]”⁵⁴.

O fator do catolicismo intrínseco dos lusitanos nos estudos lourencianos é um detalhe importante porque o destino do povo português e a sempre inconclusiva definição da cultura portuguesa são sempre pontos fracos. Não havendo passado mas não conseguindo avançar, o ritmo e o avançar com novos detalhes e informação nunca é atingido, porque nem sabemos como foi o nosso início. Este detalhe encontra-se, também, em Fialho de Almeida.

Em terceiro e último lugar: “[...] uma concepção animista, “mágica”, do universo. A escrita fialhiana é uma escrita dominada pela (omni)presença de uma vida fantasmática, “inquietante”, espreitando por detrás de cada objecto [...] que se identifica metaforicamente à noite e aos seus poderes proteicos de anamorfose e metamorfose [...] de que resulta a desrealização do real e a fragmentação interior”⁵⁵.

A tese do “espírito lusitano” e a sua metafísica para lá da realidade objetiva como significante, também, é uma tese emprestada de Fialho do qual EL utiliza em grande parte dos seus escritos. Embora mais de faceta hermenêutica, este ponto por Isabel Cristina Mateus é aplicado num sentido comparatista entre dois autores, e sobre as obras de cada um, em como se aplica com uma teoria de metodologia que explica a obra do autor, sendo de vertente analítica da obra.

Concluindo, tal como dito no início do ensaio, a cultura de palavras previamente dita (“angústia”, “terror”, violência, “vertigem”, brutalidade”, “grotesco” e “espanto”) não traduzem a cultura e o povo português, contudo, a sua essência estética do ermo e do grotesco, tendo em conta o nosso passado e trajetória, sem dúvida que nos assombra. Temos o Expressionismo, EL e Fialho de Almeida para agradecer sobre o que não esquecer e aceitar do nosso passado, para que não se torne futuro⁵⁶.

⁵⁴ Idem, Ibidem, pp. 10

⁵⁵ Idem, Ibidem, pp. 12

⁵⁶ Idem, Ibidem, pp. 14

‘Contornos da <<Preocupação por Portugal>> no Ensaísmo de Eduardo Lourenço’

Ana Nascimento Piedade

“Para compreender a leitura da cultura portuguesa levada a cabo por Eduardo Lourenço, importa estar ciente de certas idiossincrasias que enquadram e singularizam o seu ser-ensaísta. A funda inquietação de onde emana a escrita do autor de O Esplendor do Caos, a ausência de dogmatismo que a estrutura e a indissociável ligação ao que é humano e vital que a tipifica, contribuem para que esta escrita não evolua de modo linear nem previsível, mas progrida de forma um tanto zigzagueante e fortuita, por avanços, e retrocessos, derivas e errâncias, num «borboletear» que obedece a circunstâncias da vida e do próprio texto.⁵⁷”

Este é o primeiro parágrafo introduzido por Ana Nascimento Piedade, que introduz um aspeto pertinente no ensaísmo de EL: O aspeto historicista, contudo, idiossincrático que EL introduz com o seu pensamento, como maneira condutora de avançar os seus textos. Chegamos à conclusão, então, que este ensaio tem como objetivo a própria crítica literária de EL, e como o autor a produz nas suas obras.

Este é o Método Histórico-Sociológico⁵⁸ que já tinha sido observado, do qual Ana Nascimento Piedade vai, utilizando, ironicamente, uma visão historicista sobre EL (sendo EL também um proponente dedicado do historicismo) para conseguir traçar uma linha linear sobre o autor.

Continuando a investigar sobre a maneira de como EL produz os seus ensaios, temos uma perplexidade interessante:

“Ora este modo-de-ser ensaísta compromete a segurança que uma abordagem baseada numa metodologia cartesiana, ou seja, predominantemente lógica, coerente e sistemática, poderia oferecer, provocando, opostamente, uma forte perplexidade e propondo-nos um incessante desafio e risco hermenêuticos.⁵⁹”

EL não segue o formato quantitativo ou analítico típico do que se pode encontrar numa estrutura normal de um ensaio ou obra: Através da ambiguidade e da investigação, é feita uma abordagem não-linear sobre o tópico que se está a discutir presentemente, sendo deixadas futuras abordagens sobre tal tema pelo leitor. EL aborda isto com o seu colossal

⁵⁷ Piedade, Ana Nascimento. "Contornos da «Preocupação por Portugal» No ensaísmo de Eduardo Lourenço." Universidade Aberta de Lisboa, Literatura Cultura e Popular em Portugal e no Brasil, 2011

⁵⁸ Imbert Enrique Anderson, "A Crítica Literária: Seus Métodos e Problemas", Almedina, 1986, 4ª Edição, Almedina

⁵⁹ Idem, Ibidem, pp. 341

conhecimento sobre várias áreas (Pintura, Poesia, Literatura, Filosofia) e, no seu eruditismo, deixa invocar uma tese. Ironicamente, o que Ana Nascimento Piedade também está a produzir é um ensaio de análise literária sobre o quão hermenêutica⁶⁰ é a escrita do ensaísmo de EL, o que faz o decorrer desta parte da dissertação interessante.

Avançando ainda mais com a análise, a autora do ensaio invoca um “conjunto de textos significativos⁶¹”, dos quais estes são das seguintes obras: *O Labirinto da Saudade; Nós e a Europa ou as Duas Razões; Mitologia da Saudade seguido de Portugal como Destino* ou *A Nau de Ícaro e Imagem e Miragem da Lusofonia*.

“[...] a via privilegiada de indagação da cultura portuguesa levada a cabo por Eduardo Lourenço é a produção literária dos seus mais relevantes criadores; e que a interpretação do sentido e do simbolismo das imagens veiculadas pela literatura, constitui um domínio emblemático da sua reflexão sobre o modo de ser-português e o destino pátrio”⁶². A subjetividade, o simbolismo e a imagologia são peças chaves para compreender EL e a sua maneira de ensaiar.

Para EL não se perder no marasmo do reino do subjetivismo, utiliza determinadas nuances da cultura e da historiografia de Portugal, como também na grande literatura que o formou, para acreditar que “o carácter de ficção da nossa relação com a realidade” é muito maior que a segunda vertente⁶³. Isto apresenta o seu amor em compatibilizar a filosofia com a literatura, reconhecendo que a filosofia é uma senão mesmo A liberdade, e o seu amor intrínseco à literatura, sentido, então, uma paixão por ambas, combinando-as.

Sobre *O Labirinto da Saudade*, na sua primeira edição (1978):

“Por gosto, por vocação, mas também por decisão intelectual fundamentada, este nosso primeiro esboço de imagologia portuguesa é quase exclusivamente centrado sobre imagens de origem literária [...]”⁶⁴, *“É mais do que verdade que a minha leitura da cultura portuguesa em geral, do seu sentido, do seu funcionamento, tem pouco que ver com uma leitura sociológica. O simbólico é invisível para o olhar sociológico”⁶⁵*. Tal como já tínhamos visto, o símbolo na cultura portuguesa, para EL, é o foco principal no que toca a explorar e analisar a cultura e o povo português, sendo indecifrável sem esta ferramenta.

⁶⁰ Idem, pp. 345

⁶¹ Idem, Ibidem, pp. 342

⁶² Idem, Ibidem, pp. 342

⁶³ Idem, Ibidem, pp. 343

⁶⁴ Idem, Ibidem, pp. 344

⁶⁵ Idem, Ibidem, pp. 345

Finalizando o ensaio, Ana Nascimento Piedade aborda, com a referência do ensaio de EL *“Somos um povo de pobres com mentalidade de ricos⁶⁶”*, a falta de autocrítica que o ser lusitano demonstra, em que *“parece derivar sobretudo de uma espécie de passividade congénita aliada a uma generalizada – embora ténue e muito pouco amadurecida – consciência relativamente à nossa própria existência e situação⁶⁷”*.

Este aspeto sarcástico, contudo, efetivamente presente em EL, é emprestado pelas críticas da Geração de 70 quanto ao conformismo mental e psicológico do ser português, à moda de Antero de Quental, Eça de Queirós, e como um pouco de emprestado por Fernando Pessoa, inspiração frequente da parte de EL e bastante presente nos estudos lourencianos.

No meio da disforia identitária que Portugal obtém, passando por momentos indiferentes e dissociações, até passando mesmo por alturas de narcísismo⁶⁸, entre euforia e excesso, é esta a imagologia que é apresentada por Portugal no ensaísmo de EL, que se converte e retrata, realmente, a realidade da cultura e identidade nacional, apresentando um aspeto de objetividade e historicismo:

“problema de identidade, se por isso se entende questão acerca do nosso estatuto nacional, ou preocupação com o sentido e teor da aderência profunda com que nos sentimos e sabemos portugueses, gente inscrita num certo espaço físico e cultural [...] nos caracteriza ou nós imaginamos tal no contexto dos outros povos, nações e culturas⁶⁹” A semiótica em EL é o simbolismo e a imagologia da realidade Portuguesa, e como esta se continua a propagar e a manifestar como uma essência lusitana, sendo, então, este “ensaísmo imaginário⁷⁰” longe de ser irrelevante: É essencial para podermos construir um futuro que seja digno, imaginando e refletindo o passado.

⁶⁶ Idem, Ibidem, pp. 345

⁶⁷ Idem, Ibidem, pp. 345

⁶⁸ Idem, Ibidem, pp. 347

⁶⁹ Idem, Ibidem, pp. 348

⁷⁰ Idem, pp. 348

Capítulo II

As ‘Representações’ de Portugal na obra de Eduardo Lourenço

“A contra-imagem de Portugal de que necessitamos para nos vermos tais quais somos sofreu, desde as primeiras semanas eufóricas e naturais após a revolução, uma distorção interna de que possivelmente nunca mais se curará.”

- Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*

“Eu identifico-me na linguagem, mas apenas perdendo-me nela como um objeto. Na minha história, aquilo que eu me apercebo não é o passado definido pelo que foi, pois este já não é mais, nem mesmo o presente perfeito do que foi o que me tornou, mas o futuro anterior do que terei sido para o que sou em processo de me tornar.

- Jacques Lacan, *Os Seminários de Jacques Lacan: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*

Preâmbulo

Agora que compreendemos como se encontram, desenvolvem e no que abordam os estudos lourencianos na sua dicotomia presente, podemos avançar para uma componente mais direta que é aplicar estas áreas, tanto na hermenêutica como na análise crítica, para desenvolver o pensamento de EL, no contexto das suas obras.

O segundo capítulo desta dissertação forçar-se-á nesta parte mesmo, que se vai dividir em quatro representações que são as fundamentais para compreender, entender e fundamentar qualquer obra do *corpus* lourenciano: Cultura; Identidade; Saudade; Destino.

Sem estas essências, Portugal (para EL) não é nada mais do que uma aparência metafísica, sem aplicação nenhuma. Por outras palavras, estas características são aquelas que se encontra em qualquer obra de EL e das quais o próprio autor utiliza para dar vida não só ao imaginário mas como a tal nas suas obras, manifestando-se assim. Em cada tema, vou apresentar um ensaio de EL de uma das duas obras que mencionei no início: *Ver É Ser Visto* ou *O Labirinto da Saudade*.

Sobre a Cultura – O ensaio que vou apresentar vai ser *Europa ou o diálogo que nos falta*, da obra “*Ver É Ser Visto*”. No ensaio, EL demonstra como um problema central da cultura portuguesa a constante necessidade e transfiguração de identidade como a filosofia/tendência apresentada naquele momento/século, sendo que a última transfiguração apresenta-se agora com o Europeísmo em que Portugal se contextualiza. Ao longo do ensaio, irei demonstrar como EL desconstrói este tema, para chegar a uma maior representação da realidade lusitana.

Sobre a Identidade – Como seguimento, após uma análise crítica sobre a confusão da cultura portuguesa, é necessário fazer um teste e fundamentação sobre a ausência de identidade em Portugal. No ensaio *Repensar Portugal* em “*O Labirinto da Saudade*”, EL afirma e aborda que tem que haver um “repensar” ou “reimaginar” de Portugal, para tal ter a sua própria identidade. É necessário fazer mais do que simplesmente viver uma realidade, neste caso, viver uma “portugalidade” – é obrigatório compreendê-la e dominá-la. EL vai apresentar uma autognose, através dos campos que definem a identidade da imagem portuguesa: Se segue mais o caminho empírico da prática ou se se deambula pelos caminhos representativos da teoria.

Sobre a Saudade – Ensaio originalmente da obra “*Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*”⁷¹, *Da Saudade como Melancolia feliz* apresenta o que parece ser a questão e problemática essencial de qualquer ensaio lourenciano – O quão curioso são dois aspetos:

Como é que um certo tema como x não foi definido durante tanto tempo, e como é que esse Portugal conseguiu manter a sua união ou semelhança de realidade não tendo esse x definido, logo, não havendo fundamentação de propósitos? Neste caso, devido pela constante falta de definição pelas coisas, a Saudade permaneceu como apareceu no início – misteriosa (literalmente como um mito) e esotérica, tal como um enigma. EL tem, outra vez, o propósito e a função de encontrar uma ontologia histórica para tal Saudade, questionando se esta Saudade será assim tão intraduzível⁷².

Sobre o Destino – Ensaio para-lá-de-lendário, transcendental e um dos mais conhecidos de EL, *Psicanálise mítica do destino português* em “*O Labirinto da Saudade*” apresenta a última questão para ser possível tomar alguma conclusão no que toca às definições essenciais de Portugal: Onde estamos a ir e qual é o significado do nosso destino?

É irrealista, notando o caso de Portugal como sonhador existencialista, sobrevivendo sem definições ou alterações sobre si mesmo, segurando todas as cinzas do passado e todo o ouro falso do falso futuro. Sendo assim, faço a seguinte pergunta – É possível Portugal ter um futuro? Afinal “ *o que visamos é mais largo e profundo, pois afecta n a raiz a possibilidade mesma de nos compreendermos enquanto realidade histórica.*”⁷³.

Este ensaio também é demonstrativo do eruditismo de EL, apresentando várias teses e teorias de outros autores, artistas e lendas portuguesas, para fundamentar o seu historicismo neste ensaio. Também podemos observar as referências ao longo do ensaio, tanto no seu apoio a Lacan e a sua psicanálise, como o *dasein* heideggeriano e, em geral, a apresentação hermenêutica que o ensaio obtém, sendo hoje em dia, este ensaio maior que o próprio autor, ditando uma realidade e representação de Portugal que poucos ensaios e obras têm conseguido demonstrar.

⁷¹ Lourenço, Eduardo, “*Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*”, Lisboa, Gradiva, 1ª ed., 1999.

⁷² Lourenço, Eduardo, “*Ver é Ser Visto*”, Lisboa, Gradiva, 1ª ed., 2021, pp. 83

⁷³ Lourenço, Eduardo, “*O Labirinto da Saudade*”, Lisboa, Gradiva, 19ª ed., 2020, pp. 24

Sobre a Cultura: Portugal perdido ou a Europa?

A Europa ou o diálogo que nos falta

A cultura portuguesa é um problema. Não num sentido de ética prática ou num sentido dogmático, em que tal x que em Portugal não devia ser cultura portuguesa ou que em tal y não devia ser nomeado como cultura, mas sim num sentido metafísico. Nunca houve um sistema de conceitos no que toca à noção de cultura em Portugal.

Em vez de ser seguida pelas suas influências e historicismo, a cultura foi enraizada por constantes interpretações por outros, fora de Portugal, sobre a realidade do seu próprio país ou em outros aspetos, como a ciência, geografia ou até mesmo filosofia⁷⁴. Hoje em dia, Portugal interpreta a sua cultura através de Outro, neste caso, a Europa e a sua influência que tem tido nestas últimas décadas, como uma fonte de identidade e cultura.

Porque é que isto acontece e quais são as causalidades que criam esta tendência? EL afirma: *“O facto notório de estarmos rodeados pelas manifestações externas dum técnica que lentamente irá assemelhando as nossas cidades, os nossos hospitais [...] significa efectivamente que participamos dum civilização. Poderemos concluir daí que participamos também dum cultura [...] daquilo que se designa como <<manifestações superiores>> da cultura?”⁷⁵*.

Sendo esta a questão central do ensaio, podemos observar duas influências aqui neste parágrafo: O “Outro” de Lacan, nas entidades externas para com a realidade, fundamenta o aspeto intrínseco do *ser*, neste caso, no aspeto da cultura portuguesa e o *dasein* de Heidegger, como figura em que a autognose é a sua própria identidade, tal como a cultura em si é a sua própria identidade, “empresta” os seus valores à “cultura portuguesa” para encontrar uma maneira empírica de manifestação.

A própria designação final de “manifestações superiores” dita isto, onde EL não se foca nesta questão de cultura “civilizacional” ou sociológica à lá Scruton⁷⁶, onde se pega num contexto histórico empírico e utiliza-se como referência dogmática para explicar a realidade. O que EL afirma aqui é que estas demonstrações e explicações culturais afastam-nos da *“coletividade da verdadeira cultura”⁷⁷*, e isso torna-se nefasto para os portugueses.

⁷⁴ Lourenço, Eduardo, *“Ver é Ser Visto”*, Lisboa, Gradiva, 1ª ed., 2021, pp. 27 (Ensaio originalmente publicado em Heterodoxia I, Lisboa, Gradiva, 1.ª Ed., 2005)

⁷⁵ Idem, *Ibidem*, pp. 28

⁷⁶ Scruton, Roger, *“A Cultura Moderna”*, Lisboa, Edições 70, Almedina, 2020, 1ª ed.

⁷⁷ Lourenço, Eduardo, *“Ver é Ser Visto”*, Lisboa, Gradiva, 1ª ed., 2021, pp. 29

Ora bem. Como, então, podemos realizar e apoiar esta verdadeira noção de cultura, aquela onde os portugueses já estão à muito à espera, lutando para encontrar tal axioma, que procuram desesperadamente? Ou, pelas palavras de EL “*Onde se manifesta entre nós este sentimento grandioso da unidade humana, através da multiplicidade dos actos e das ideias de cada homem? [...] como nos atrevemos a falar ainda de cultura, da nossa cultura?*”⁷⁸”.

EL apresenta e introduz inúmeros exemplos e áreas onde possamos, talvez, representar a *Kultur* portuguesa – História, *Hegel e o seu Geist*, Arte – até autores e heróis nacionais – Camões, Gil Vicente, Fernão Lopes - e o que obtemos não é representações da nossa expressão da cultura portuguesa, mas a “*excepção da cultura portuguesa*”⁷⁹”.

Este diálogo para com a Europa, ou, este diálogo para com a sobrepopulação cultural torna-se manifesto em todos os gigantes e colossos portugueses, onde existe muita referência e apresentação, mas não autenticidade, seja ela hermenêuticamente ou empiricamente, retratando um ar de cobardia do qual arriscar identidade é mais penoso do que simplesmente aplicar disforia pessoal e ser constantemente retraçado pelos contínuos traços da história e o seu “*geist*”, como se fosse um eterno sofrimento, nunca parando para obter um afogo de originalidade ou inspiração.

A mutualidade chega, e o irá chegar... até ao próximo passo, ou “*na nossa ausência o espírito europeu sofrera modificações e ampliara-se sem medida*”⁸⁰”.

Isto torna-se ainda mais pessimista no que toca à (des)motivação das novas gerações: O desespero multiplica-se, o desinteresse evoca o espírito do niilismo português e a procura pela cultura nacional, qualquer semelhança de realidade ou estudo sobre tal é congratulado com nenhuma importância, aplicando-se, para sempre, o presente espírito solitário do típico indivíduo que queira investigar a realidade última sobre as coisas, seja esta feita com ferramentas ideológicas ou ferramentas da *Naturwissenschaft*⁸¹.

Algo demonstra-se. Pode-se dizer que o povo português não tenha definição de cultura, contudo, que luta para a conseguir tal como luta para conseguir qualquer outro aspeto, prático ou metafísico, é de relevar. Afinal, “*O que importa é remontar a linha de tédio, esta calma ilusória do espírito que nos ronda a todos como uma tentação.*”⁸²”

⁷⁸ Idem, ibidem, pp. 29 - 30

⁷⁹ Idem, ibidem, pp. 30

⁸⁰ Idem, ibidem, pp. 31

⁸¹ Embora o termo queira aplicar a tradução germânica de “Ciência”, para todo o movimento realista e romântico alemão tem um sentido mais metafísico, onde a ontologia e a sua procura da verdade é a derradeira aplicação das ciências naturais.

⁸² Idem, ibidem, pp. 32

Como a procura pela cultura portuguesa é algo feito com sacrifício e luta, contudo, parecendo inevitável que nunca se concretize, a questão é óbvia: Permanecerá assim? Em que sentido é que podemos mudar esta situação? Como fazemos a alteração? É algo mais constitucional? Ou historicista? Será possível haver traços separados da Europa, ou seja, é possível um país ter a sua identidade quando este é colocado sobre uma união cujo poder é maior do que a nação?

Ou a Europa ou qualquer outra manifestação de poder geral é grande o suficiente que simplesmente transforma tudo o que era sem a sua existência, meramente a sua propriedade? Apesar desta tentativa de *subjetivismo cultural*, por exemplo, França e Alemanha continuam a ser bastiões de *Kultur* na sua forma mais distinguida, em que cada país é impossível de não reconhecer com alguma tendência específica a tal.

Não podendo fazer uma investigação mais pormenorizada nos caminhos de “Como se define cultura?” ou “O que significa um país ter a sua “cultura”?”, estabelecemos por agora que uma das partes que define a cultura de Portugal é a coletividade ao tentar encontrar tal parte de si mesma, independentemente da área em que se serve, e, particularmente, se existe se quer, como tudo isto fosse uma prática da *Vontade* que se vê em Schopenhauer⁸³, onde existe uma dicotomia no ser humano:

A prática, da qual se baseia no corpo, fortaleza do físico; A *Vontade*, que é esta essência primitiva pela sobrevivência, que perdure até nos momentos mais difíceis e se torna resiliente como a nossa experiência pessoal do Universo.

Como não parece ser fácil definir e obter algum tipo de validação e argumento para apoiar a cultura portuguesa como “fundamentalmente lusitana”, é importante perseguirmos, então, para aquele *Ser* que aparenta dar toda a cultura que seja própria para fundamentar um dos seus países. Fundamentar se a Europa tem cultura ou não é agora o próximo passo a concretizar para aproximarmo-nos da verdade.

EL continua: “*Mas o que é a Europa e a sua cultura? A que Europa é necessário ir? [...] Quem não vê que é a consciência da própria contradição viva recoberta por cada um desses pares de nomes que é necessário ir? Quem se não apercebe que é justamente a consciência desse conflito que nos é necessária? A realidade cultural da Europa tem hoje a complexidade dos múltiplos apelos que a constituem, apelos e contribuições quase inumeráveis.*”⁸⁴”

⁸³ Wicks, Robert, "Arthur Schopenhauer", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2021 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/fall2021/entries/schopenhauer/>.

⁸⁴ Idem, ibidem, pp. 34

Podemos observar que EL, tal como no ensaio de *Maria Teresa Rodrigues*, está a utilizar a hermenêutica quando imagina a cultura portuguesa e o seu esforço para a encontrar como uma cultura portuguesa, tal como também observa a cultura da Europa e a sua multiplicidade de aspetos, tanto de histórica como pessoas, como uma possibilidade para uma cultura nacional. Afinal, a “cultura” europeia também é de relevância hermenêutica devido às histórias e lendas que tem criado à sua volta, sendo um exemplo perfeito para encaixar como *Kultur*.

EL confirma isto com a seguinte afirmação: “E, hoje, a Europa é novamente a luta para encontrar um sentido para o destino histórico dos homens, uma luta mortal por um mínimo de certezas materiais e espirituais suficientes para tornarem viável o convívio humano. É essa luta perpétua para alcançar uma harmonia no mundo do espírito e da ação que é essencial à Europa”⁸⁵. Podemos observar aqui a aplicação da hermenêutica existencialista como resposta para entender a nossa interação como o mundo, ou com a aplicação da realidade para como o ser humano.

A Europa e a sua existência ajudam, com a sua conceptualização, a fundamentar culturas, interpretações e destino para os seus países e povos, como se fosse uma grande fonte de heróis passados e o seu sacrífico para com a verdade, como estes nos complementam e que nos façam cumprir o nosso dever, para com essa ideologia. Porquê? EL afirma: “*Por isso a primeira e fundamental das exigências do espírito europeu é a liberdade. Fundamento concreto da possibilidade de actos humanos valiosos, a liberdade é a própria forma da existência humana quando pode dispor conscientemente dela mesma*”⁸⁶.

Direito universalizante e que nos liga a todos, este pode ser aplicado como uma tradição intrínseca à europa, como uma herança aplicada em nós para complementarmos e seguirmos aquilo que foi feito por gigantes, usando eles como referência:

“*É a negação do espírito europeu subordinar a conquista da verdade ou da beleza a uma condição de classe, pois toda a ciência do ocidente (que é toda a ciência) e toda a sua filosofia repousam no princípio impugnável de justificar a verdade unicamente perante a razão em geral, essência de todo o homem são que veio a este mundo sobre nada mais.*”⁸⁷.

Para EL, o imaginário da Europa é ser o bastião da liberdade, da comunidade e do avanço da progressão ou da filosofia do desenvolvimento. Transcendendo para lá de apenas um território geográfico, a Europa de EL é o lugar em que Portugal tem que se endotrinar para superar esta autoflagelação de uma eterna dúvida sobre qual é a sua cultura ou até a sua própria identidade.

⁸⁵ Idem, ibidem, pp. 35

⁸⁶ Idem, ibidem, pp. 37

⁸⁷ Idem, ibidem, pp. 40

Sendo Europa o *geist* de toda a história contida, Portugal, na sua essência e não como localização geográfica, também se insere nela, fazendo esta resolução de criar uma “cultura própria” nada mais do que Portugal tentar compensar a grandiosidade que “merece” ter⁸⁸.

Isto observa-se pelo início de alguns movimentos, como o movimento “*Seara Nova*”, o movimento presencista e a escola de pensamento de António Sérgio. A grandiosidade e potencial colossal dos movimentos foi imenso: Como é possível colocar a base, a ontologia sobre algo, quando queremos já a teleologia? Com tanta exigência, seja ela de liberdade, verdade ou perfeição moral⁸⁹, começa-se onde se acaba – em lado nenhum.

Estagnados, logo, distraídos pelo potencial, Portugal continua a sentir-se perdido e, ao mesmo tempo, relaxado sobre a sua falta de acesso para com o progresso, enquanto a razão para o obter, ou, no mínimo dos casos, o início para o obter, que é o contato com a Europa, se encontra perante uma das maiores possibilidades. Encontramo-nos numa situação enigmática: Sabemos e funcionamos para com as nossas bases humanísticas de excelência, contudo, é necessário humildade e fazer o luto da excelência para obter um diálogo com a Europa e avançar. EL conclui: “*Uma expressão cultural sem limites, porque tomou os limites mesmos do homem. Se quisermos ascender ao nível daquilo que a consciência histórica pede hoje a cada homem desperto, é na Europa que temos de permanecer. É do seu diálogo que temos de comunicar.*”⁹⁰.

⁸⁸ No ensaio *Psicanálise Mítica do Destino Português*, esta tendência de superar outros povos, em que Portugal se considera, por exemplo, na sua religião (católica) o país dos países, deriva da psicanálise aplicada de Freud e Lacan, onde Portugal tenta compensar por conquistas e resoluções passadas, e aplicar essas lendas e mitos, como o sebastianismo e o quinto império, como imaginários e razões hermenêuticas de expressão e definição.

⁸⁹ Idem, *ibidem*, pp. 43

⁹⁰ Idem, *ibidem*, pp. 46

Sobre a Identidade: Pragmatismo eterno ou a teoria iluminante

Repensar Portugal

“*Que o português médio conhece mal a sua terra – inclusive aquela que habita e tem por sua em sentido próprio – é um facto que releva de um mais genérico comportamento nacional, o de viver mais a sua existência do que compreendê-la.*”⁹¹” A questão é imediata: Como é que um indivíduo consegue viver, ou seja, perdurar pelos desafios físicos e mentais do quotidiano, adotando maniqueísmos ou outros conceitos mentais para ser possível realizar decisões diárias, sem *compreender* a sua existência? Isto, de imediato, parece que dita uma falta ou mesmo desinteresse em conceções teóricas e esboços metafísicos para implementar um plano como a realidade funciona.

EL continua: “[...] *herança contemplativa ou simples reflexo de uma urgência vital que nunca deixou muita margem para teoria, esse comportamento é o responsável pelo penoso e já antigo sentimento que no século XIX foi quase o lugar-comum dos seus homens mais ilustres, de que estamos ausentes da nossa própria realidade.*”⁹²” Isto, com o delirante e assustador pragmatismo que se tem demonstrado nos últimos anos, em combinação com globalismo e as tecnologias de informação, é assustador ver o quão EL está correto tanto na altura que estava a escrever este ensaio, tal como no presente do século XXI.

Sempre desinteressado no avançar de definições nacionais, tanto na cultura como na própria identidade, Portugal vive tal como um indivíduo com Síndrome de Estocolmo, em que se sente preso a demonstrar amor e afeto a algo que pensa que lhe está a colocar como cativado, quando o que lhe está a colocar como cativado não é nada mais do que por si próprio e as suas não-identificações com aquilo que tem que ser colocado como essencial no seu *organon*, que, neste caso, são as teorias e as definições.

“[...] *é o português mais dotado que ninguém para viver de imagens, mitos, sugestões, delirante curiosidade por tudo quanto vem de fora.*”⁹³”

Podemos ver que EL aplica aqui uma componente de hermenêutica como prática, hermenêutica como fazer ou mesmo *hermeneuein* como ser. Portugal, quando é colocado após ou durante uma adversidade, neste caso, o Antigo Regime, é capaz de subverter a sua condição humana, ou, pelas palavras de EL “*de os extrair da mera descrição empírica*”. Isto indica que, realmente, a estagnação empírico-ideológica é um fator a ter em consideração para

⁹¹ Lourenço, Eduardo, “*O Labirinto da Saudade*”, Lisboa, Gradiva, 19^a ed., 2020, pág. 67

⁹² Idem, *ibidem*, pp. 67 - 68

⁹³ Idem, *ibidem*, pp. 68

com o aspeto da identidade portuguesa – conseguindo alcançar compreensão sobre a sua situação e realidade, contudo, em momentos de sofrimento e/ou mudança.

Outro momento na história que conseguiu produzir tais efeitos foi, não surpreendentemente, a revolução de 25 de Abril, que abriu uma metamorfose de crescimento em todas as áreas de interesse em Portugal (cinema, pintura, romance, poesia, teatro). Isto é relevar, tendo em conta que o percurso histórico de Portugal, no desenvolvimento do método histórico-sociológico, é válido – em inúmeras situações de adversidade, o crescimento cultural e literário torna-se exponencial, traçando um historicismo válido a esta componente.

A influência hegeliana em EL nota-se na seguinte afirmação: *“Curiosamente, a preocupação por Portugal enquanto destino histórico e autónomo específico, e não apenas como cenário de uma aventura de alma intemporal [...] ou universal, em termos de luta social (o neo-realismo), fora durante o antigo regime quase um exclusivo de uma forma de nacionalismo místico equívoco, oscilando entre a referência a Hegel e os manes fraternos e ciosos de Pascoaes e Fernando Pessoa⁹⁴.”*

A capacidade de identidade é possível, até mesmo concretizável, visto que em momentos específicos, contextualizados pelo caminho das guerras, do desafio e do tormento que o *geist* fornece a Portugal, a identidade portuguesa começa a revelar-se. Isto comprova o tal “saudosismo” de Pascoaes e o conflito interno e interminável que vemos em Pessoa.

A questão agora, então, é a seguinte: Como tornar esta realidade temporal para uma continuidade intemporal? ” [...] *repensá-la⁹⁵ não apenas em função das imagens e contra-imagens mais actantes da nossa herança cultural incuravelmente maniqueísta, e sobretudo de origem estético-literária, ou afim, como tem sido quase sempre o nosso caso. Sem as descurar, tais imagens devem ser agora confrontadas, perspectivadas, acaso rebatidas e seriamente questionadas em função de um conhecimento mais aderente à causa viva da realidade nacional⁹⁶ [...]”*

Modelos de interpretação, pesquisa metódica e interesse coletivo são necessários, contudo, isto tem que ser realizado e tem que acontecer numa coletiva tomada de consciência, à lá Rousseau, como se a decisão coletiva feita por todos fosse feita, através de um contratualismo, que nos garanta aquilo que perdemos no passado. Nada é mais fulcral do que

⁹⁴ Idem, ibidem, pp. 70

⁹⁵ A identidade de Portugal

⁹⁶ Idem, ibidem, pp. 72

renovar as “imagens e os mitos⁹⁷” nelas existentes, pois estes são a “metalinguagem⁹⁸” onde o discurso português se insere:

”É em função de um conhecimento do essencial, daquilo que não podemos abandonar sem mutilação próxima e futura, que as escolhas decisivas para o nosso destino devem ser feitas. Na medida do possível é à totalidade do povo português, consciente e responsabilizando na sua prática a todos os níveis, que compete o autodeterminar-se [...]”⁹⁹.

A resiliência que o português tem é tal como uma acendalha – em que aguenta, manifesta e resolve aquilo que a História lhe coloca em teste, sejam ditaduras, momentos tenebrosos religiosos ou de grande conflito social, mas mal este se resolva, seja lá com qual for as forças que tenha, Portugal volta ao imaginário e ao frio, ao viver a sua realidade e não a compreender, logo, não compreendendo a si mesmo.

É por isto que a teoria não é correspondida com a mesma dedicação que o pragmatismo – com o pragmatismo existe resultados imediatos com uma sensação secular de despersonalização, do qual não é necessário haver identidade nem sentido de responsabilidade coletiva, vivendo, assim, o português, numa constante “representação¹⁰⁰” fora de si mesmo.

Este é o maior problema da disforia de Portugal – Não temos identidade não porque não a conseguimos ter, mas sim porque temos medo de aceitar aquilo que sempre fomos. E, como EL confirma, isso é tenebroso: “[...] o olhar mesmo do português, ou dos portugueses com a consciência adequada da vida do país em que realmente vivem e morre - [...]o fim de um Portugal-objecto como é hoje para todos nós, que nos ocupamos da <<cultura>>, a realidade portuguesa.”

⁹⁷ Idem, ibidem, pp. 73

⁹⁸ Idem, ibidem, pp. 73

⁹⁹ Idem, ibidem, pp. 76

¹⁰⁰ Idem, ibidem, pp. 77

Sobre a Saudade, ou ensaios sobre a Metafísica do espírito lusitano

Da Saudade como melancolia feliz

Tornada tanto num sentimento, como numa emoção, como até numa lenda, é possível a Saudade ter a sua realidade multiplicada por várias vertentes. Mas qual é o seu contexto para com a realidade lusitana? Como é demonstrada no dia-a-dia português? É meramente um adeus e lembrança agridoce desse adeus? É somente uma referência de estilo romântico? Ou tem alguma verdadeira relevância para com a realidade cultural onde nasceu, que é Portugal? EL começa por ditar a já resposta de uma passada pergunta: “*Habitados a tal ponto pela saudade, os Portugueses renunciaram a defini-la. Da saudade fizeram uma espécie de enigma, essência do seu sentimento da existência, a ponto de a transformarem num <<mito>>¹⁰¹”.*

A saudade tem, efetivamente, algum tipo de efeito quando nos referimos a ela. Ao estar a expressar, conseguimos ambos ter uma imagem de conhecimento, seja empírica porque reconhecemos definição quando afirmamos tal palavra ou, por uma maneira mais emotivísta, porque já a sentimos, expressando um valor de verdade metaética. Vindo da filosofia da linguagem de Saussure, esta referência é observável quando EL exprime que “o sentido está incluído na própria manifestação¹⁰²”, expressando a referência -> a saudade, do referenciado -> indivíduo.

Continuando a ir pela via da referência, esta é utilizada numa preposição, neste caso, numa premissa, em que esse x conceba informação, que retrate algo, seja ele físico ou mental. Contudo, é particularmente difícil colocar e dissecar em ambos os campos, seja ele empírico ou fenomenológico.

EL afirma que “*costumamos dizer que <<temos saudades>>¹⁰³”.* Isto expressa um valor de verdade nas emoções, onde já não nos enquadramos no campo moral daquilo que é correto ou não é correto. Eu sentir que tenho saudades é uma verificação que o que eu sinto sobre x ou y tem o seu valor de verdade subjetivo, em que as minhas emoções ou o que eu sinto é a premissa a avaliar a sua epistemologia.

Ora bem. Eu dizer que “tenho saudades” é o mesmo que “sentir x é y!” ou “sentir x é z!” onde x é saudades e y ou z é ter uma componente positiva ou negativa de verdade, ou seja, que é mau ou bom.

¹⁰¹ Lourenço, Eduardo, “*Ver é Ser Visto*”, Lisboa, Gradiva, 1ª ed., 2021, pp. 83

¹⁰² Idem, ibidem, pp. 83

¹⁰³ Idem, ibidem, pp. 84

Contudo, aqui a dificuldade é conseguir, 1) adquirir um valor de verdade objetivo sobre algo subjetivo como um sentimento e 2) um sentimento como Saudade ter um valor intrínseco do seu significado incrivelmente difícil de produzir.

Eu dizer que me sinto triste, tem uma componente de referência imediata, pois coloca esse sentimento com uma distinção imediata sobre o seu referenciado: uma cor, um acontecimento, uma situação. Igual a situação para quando me sinto contente. Contudo, ao dizer que “tenho saudades”, não me vem particularmente nada que seja equivalente ao que estas emoções me trazem. “Ter” saudades de algo pode-me influenciar a ter uma memória, ou um acontecimento, contudo, isto torna-se ainda mais confuso pois existem saudades de acontecimentos “positivos” e acontecimentos “negativos”.

Por exemplo – mesmo estando bem de saúde, uma situação em que maior parte das pessoas confirma que é positiva, posso “ter saudades” de uma situação em que estive mal de saúde, pois nesse episódio de má saúde, apesar das circunstâncias infelizes, havia enfermeiros e médicos que, no seu trabalho de dia-a-dia, passavam por mim. Vice-versa para com situações negativas presentes, mas “Ter saudades” de melhores tempos.

Será, então, este efeito de “ter saudades” uma questão de apropriação subjetiva pessoal? Eu “tenho saudades” porque certa situação aconteceu. Várias pessoas sentem saudades sobre algo. O que EL apresenta é que:

“Na verdade, não temos saudades, é a saudade que nos tem, que faz de nós o seu objecto. Imersos nela, tornamos-nos outros. Todo o nosso ser ancorado no presente fica, de súbito, ausente. Sentimo-nos como um rio que deixa de correr e reflui para a nascente.”¹⁰⁴. Nota-se, outra vez, aqui a influência do *dasein* heideggeriano.

A “saudade” é um ser independente da razão e da alteração de valor, sendo esta intrínseca. Nós é que somos alterados pela saudade, e não vice-versa. Isto manifesta-se ainda mais no pensamento de EL, quando este relata que outros autores também retratam esta componente, embora de influência alemã, tal como Proust e no pensamento hegeliano.

Continuando com a sua tese sobre a memória como “auto negação do presente”, EL dita que existe uma diferença entre a memória e a saudade.

A memória existe como um mecanismo refletivo do passado, adquirindo as ferramentas para dissecar permanentemente as diversas realidades que momento x produziu. A saudade não funciona como um mecanismo mnemônico, mas sim, de pura realidade ou “*a saudade não é*

¹⁰⁴ Idem, ibidem, pág. 85

da ordem da representação, mas da pura vivência. A consciência <<saudosa>> não joga consigo própria, é palco de um jogo [...] o eu converte-se, por inteiro, em saudade.¹⁰⁵”

Afirmar que “eu tenho saudades” não é o suficiente para afirmar o que “saudade” é. Um mero emotivismo subjetivo não é o suficiente para apoiar a sua existência, porque este apoia-se num axioma em que a memória reflete o sentimento, para haver alguma representação de verdade sobre a situação.

O problema é que a memória aplica uma contextualização momentânea irrefletida, sendo que a situação não é bem o que aconteceu, apenas uma intuição guardada, do passado para o presente. A saudade é, então, outra coisa. EL argumenta que é uma realidade só sua, do qual todo o momento e experiência vivida é contaminada por esta manifestação misteriosa, do qual, independentemente da vertente moral apresentada, é completamente possível aplicar esta realidade a um acontecimento.

Será, então, que a saudade é de vertente de um realismo moral? Todas as premissas parecem indicar que a saudade é aplicável como uma coisa existente objetiva concreta, no mundo: 1) A Saudade é aplicável em toda a gente, independentemente de qualquer pessoa; 2) A Saudade é aplicável em todo o lugar e em todos os países; 3) A Saudade é aplicável em toda a mente; 4) Logo, a Saudade existe. EL confirma isto:

“Como é possível esta estranha confusão de uma modalidade do nosso ser afectivo com todo o nosso ser? Lembre-se que não somos seres inscritos, ou inseridos, como agora se diz, num espaço e num tempo indeterminados, mas seres espacializantes e temporalizantes, unidos e divididos no espaço e no tempo que somos e que criamos.¹⁰⁶”

Quanto à correlação do fenómeno retratado por saudade, este é apresentado como um certo afastamento de algum conteúdo, onde este não é necessário ser geográfico ou temporal. Um certo afastamento sobre algo, do qual representa a separação de rompimento de laços, sejam estes românticos, profissionais ou platónicos. Isto pode indicar que a saudade é unicamente formada por humanos e temos saudades somente para com outros seres humanos, contudo, isso não podia estar mais longe da verdade:

“A nostalgia, sofrimento por conta de um bem perdido que era constitutivamente nosso, desvenda-se e revela-se como um sentimento essencialmente negativo, espécie de luto que o tempo desvanece sem o deixar esquecer.¹⁰⁷”

¹⁰⁵ Idem, ibidem, pág. 85-86

¹⁰⁶ Idem, ibidem, pág. 86

¹⁰⁷ Idem, ibidem, pág. 86

EL apresenta, então, a questão fundamental deste ensaio, após dissecar o aspeto em questão e como este aparenta ser uma espécie de luto temporal sobre algo: *“Há alguma possibilidade de contornar esse luto desde dentro, e não de fora, transfigurando-o em nostalgia, por assim dizer, feliz?”*¹⁰⁸

A saudade, aparentemente, tem, entre a sua fenomenologia, uma certa qualidade psicológica em tornar o luto aceitável e humanamente tolerante, transformando uma tal perda sobre algo confortante, imaginando como algo que se perdeu materialmente, contudo, em essência, nunca será perdido porque ficará connosco, desde que esta saudade e memórias se manifestem. É como se fosse uma espécie de tormento “empático”: Transformador, contudo, doloroso.

Como já tinha afirmado antes, EL apoia que isto não é somente sobre algo fabricado por laços humanos, mas podendo ser por motivos geográficos, biológicos ou temporais¹⁰⁹. A saudade é, assim então, uma ferramenta de aprendizagem, senão mesmo a melhor ferramenta de aprendizagem, pois, que melhor habilidade do que aprender com o sofrimento, por experiências pessoais, onde o carrasco final que nos irá partilhar essa informação e o conhecimento vem através do tempo:

*“É a esta sensação-sentimento de ardemos no tempo sem nele nos consumirmos que propriamente chamamos <<saudade>>. Os que nunca mudaram de lugar, levados pela mão do acaso ou da necessidade, não sentem nostalgia dele [...] A saudade (que mais podia ser?) é apenas isto: a consciência da temporalidade essencial da nossa existência, consciência carnal, por assim dizer, e não abstracta, acompanhada do sentimento subtil da sua irrealidade.”*¹¹⁰

Apoiando todo este realismo moral, EL finaliza o ensaio com um parágrafo que demonstra o quão necessário é dissecar as representações essenciais de Portugal e o que temos para aprender: *“[...] só um povo permanentemente distraído da sua existência como tragédia, ou imbuído e inebriado dela a ponto de a esquecer, pudesse tomar por basão da sua alma a figura da saudade. Talvez, simplesmente, porque, como povo, feliz na sua inconsciência, que é a da vida, não se resigne a que nada fica de nada [...]”*¹¹¹.

Portugal fica, então, na sua permanente inconsciência para com a saudade, sobre a realidade, até ser possível resolver esta constante e incessante discussão sobre Portugal.

¹⁰⁸ Idem, ibidem, pp. 86

¹⁰⁹ Idem, ibidem, pp. 87

¹¹⁰ Idem, ibidem, pp. 87

¹¹¹ Idem, ibidem, pp. 88

Até lá, que o espírito lusitano descanse, sonhando nostalgias não existentes, esperando por um novo conceito no seu brasão permanente como identidade e cultura. Que, até lá, a essência de Portugal sobreviva... ou se autodestrua.

Sobre o Destino: Premonições e tentativas eternas para um desenvolvimento historiográfico

Psicanálise mítica do destino português

Glorioso ensaio onde EL explora o destino possível para com os Portugueses e o seu Portugal, diversas influências e referências são possíveis apontar neste escrito – desde Lacan e a sua psicanálise do Outro e a sua hermenêutica sobre o Imaginário; a hermenêutica heideggeriana e o conceito de *dasein*; as influências antropológicas em EL; O *geist* em Hegel; Um pouco do movimento existencialista – EL pega em todo este conhecimento erudito, aplicando, com o seu próprio pensamento, um destino para com a identidade portuguesa, traçando a sua origem, descobrindo qual as possíveis vias das quais Portugal pode avançar e descobrir a sua origem e futuro.

El começa com: “[...] a mais sumária autópsia da nossa historiografia revela o irrealismo prodigioso da imagem que os Portugueses se fazem de si mesmos. Não nos referimos às simples deformações de carácter subjectivo ou de natureza ideológica, não só por serem inevitáveis, como por não arrastar com elas uma fatal transfiguração no sentido desse irrealismo. O que visamos é mais largo e profundo, pois afecta na raiz a possibilidade mesma de nos compreendermos enquanto realidade histórica.”¹¹²

Notamos logo aqui neste parágrafo qual o destino, não só que EL escolheu para o ensaio ser retratado, mas como Portugal é retratado através das influências e pensamento lourenciano aplicado. EL visa a identidade de Portugal, neste caso, a sua “realidade histórica”, como um historicismo antropológico, ou seja, EL vai pronunciar a realidade da identidade de Portugal através das imagens e fatos históricos, para traçar uma identidade comum a Portugal, que lhe compete através da objetividade real.

Isto quer dizer que, ao invés de alguns ensaios de EL, onde a hermenêutica é utilizada como uma ferramenta epistémica para traçar algum tipo de realidade sobre algo, seja esta real ou imaginária, mas que possa ser aplicada, aqui o autor vai ligar o desenvolver da história de Portugal, os factos históricos que o foram moldando e as imagens que foram produzidas, para fundamentar uma identidade. Como esperado, EL também vai combinar a literatura como a referência *de factum* que retrata o país, do qual sem ela não existe desenvolvimento nem retrato da sua imagem.

¹¹² Lourenço, Eduardo, “*O Labirinto da Saudade*”, Lisboa, Gradiva, 19ª ed., 2020, pp. 23-24

EL aprofunda o seu entendimento por psicanálise e expressa a ontologia de Portugal para com a sua dívida lacaniana:

“As <<Histórias de Portugal>>, todas [...] são modelos de <<robinsonadas>>: contam as aventuras celestes de um herói isolado num universo previamente deserto. Tudo se passa como se não tivéssemos interlocutor. (E esta famosa forma mentis reflecte-se na nossa criação literária, toda encharcada de monólogos, o que explica, ao mesmo tempo, a nossa antiga carência de fundo em matéria teatral e romanesca¹¹³)”

Indo para lá do que apenas retratar uma estética nacional, esta visão de EL *“reflecte a estrutura de um comportamento nacional [...]”¹¹⁴*, integrando toda uma possibilidade da ontologia em o que Portugal é. Podemos observar toda esta maneira de *ser* em múltiplas maneiras refletidas da nossa arte, ciência, antropologia e filosofia, do qual o solilóquio, a alegoria e a símile são aproveitadas numa estética *romanesca*.

Este *dasein* apresenta o aspeto romântico português, de ser o salvador grande existente da verdadeira realidade, tentando salvar todos aqueles que não a vejam ou percebam. Seguindo esta forma de pensamento *“[...] é necessário [...] uma autêntica psicanálise do nosso comportamento global, um exame sem complacências que nos devolva ao nosso ser profundo ou para ele nos encaminhe ao arrancar-nos as máscaras que nós confundimos com o rosto verdadeiro.”¹¹⁵*

Houve uma substituição em que alterou a constituição ontológica lusitana. Esta foi a completa instalação do Outro lacaniano, em que o “Outro” neste sentido foi o traumatismo histórico dos vários tipos estados em que Portugal passou, nunca assentando tempo o suficiente para retratar ou integrar a visão de si mesmo. O Outro, então, passou a ser a queda da verdadeira nascença portuguesa, substituindo a tal forma “robinsonada” romântica, o desejo desinteressado de salvar, por pensar de si próprio como O salvador de tudo. Como EL diz:

“A mistura fascinante de fanfarronice e humildade, de improvidência moura e confiança sebastianista, de <<inconsciência alegre>> e negro presságio, que constitui o fundo do carácter português, está ligada a esse acto sem história que é para tudo quanto nasce o tempo do seu nascimento. Através de mitologias diversas, de historiadores ou poetas, esse acto sempre apareceu, e com razão, como da ordem do injustificável, do incrível, do milagroso, ou, num resumo de tudo isso, do providencial.”¹¹⁶

¹¹³ Idem, ibidem, pp. 24

¹¹⁴ Idem, ibidem, pp. 24

¹¹⁵ Idem, ibidem, pp. 24

¹¹⁶ Idem, ibidem, pp. 24 - 25

Dentro do estudo do destino português e tudo aquilo que lhe espera ou possa esperar, tendo em conta a sua ontologia, este parágrafo é um dos mais elucidativos.

Explica a maneira do ser português, o porquê do seu sofrimento, seja inconsciente ou consciente, a sua falta de algo mas não sabendo o que ao certo (saudosismo), a sua necessidade de conquista, o seu ego, a sua psicanálise de salvador e salvante, e até toda a história que Portugal iria ter com o Catolicismo, com as suas raízes jesuítas e cruzadas.

Toda a vontade de demonstrar o bem para os menos privilegiados, de maneira romântica, foi retratada, em vez disso, com fanfarronice, de ordem megalomaniaca e ilusória, através de imagens que representem a totalidade e o “objetivo”, revelando a nossa fragilidade e de constante pressão histórica¹¹⁷ (muita desta ideologia da imagem e mito como início da atividade da identidade vem da antropologia cultural e, especialmente, de Leví-Strauss).

A identidade portuguesa torna-se, então, visível, pelas imagens, memórias e lembranças que tem de si próprio ao longo do tempo. Estas são o fundamento para a constituição da identidade, adicionando à disforia o animalismo¹¹⁸ que Portugal aplica.

Porque é que se fundamenta numa base de memória e não num animalismo? Portugal, sendo uma identidade abstrata do que aquilo que se pode aplicar num entidade humana, observa as suas qualidades numéricas como sendo inalteráveis, constitutivas para aquilo que define “Portugal sendo Portugal”. Aqui observa-se uma essência universal (as tais <<robinsonadas>>), que define Portugal imaterialmente, que faz com que essa imagem perdue na totalidade das ações e comportamentos visíveis em Portugal e no seu povo, sendo o espeto mnemônico também visível no seu povo:

“É por de mais claro que ambos cumprem uma função: a de esconder de nós mesmos a nossa autêntica situação de ser histórico em estado de intrínseca fragilidade. Não fomos, nós somos uma pequena nação que desde a hora do nascimento se recusou a sê-lo sem jamais se poder convencer que se transformara em grande nação.”¹¹⁹

Ora bem. A busca (e para o resto deste ensaio), então, torna-se na procura por estas tais imagens e lembranças que deixam existir a possibilidade de uma identidade lusitana. EL vai demonstrando ao longo do ensaio exemplos e correlações que tornam esta identidade possível, começando pela ficção tornada realidade que é *Os Lusíadas*:

¹¹⁷ Idem, ibidem, pp. 25- 26

¹¹⁸ Blatti, Stephan, "Animalism", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/animalism/>>.

¹¹⁹ Idem, ibidem, pp. 25

“*Os Lusíadas* recebem uma luz espectral e fulgurante quando lidos no contexto de uma grandeza que subterraneamente se sabe uma ficção ou, se se prefere, de uma ficção que se sabe desmedida mas precisa de ser clamada à face do mundo menos para que a oiçam do que para acreditar em si mesma. Da nossa intrínseca e gloriosa ficção, *Os Lusíadas* são a ficção.¹²⁰”

Sendo “tristemente heróico” para EL, *Os Lusíadas* apresentam Portugal na sua imagem mais trágica e, ao mesmo tempo, mais genuína, pois representa os “nossos deuses (heróis) mortos¹²¹”, sendo assim, uma fraqueza para os anos que viriam, onde nada se iria opor à transcendência que é *Os Lusíadas*¹²²:

“*Nesses sessenta anos o nosso ser profundo mudou de sinal [...] Das duas componentes originais da nossa existência histórica – desafio triunfante e dificuldade de assumir tranquilamente esse triunfo – aprofundámos então, sobretudo, a nossa <<dificuldade de ser>> [...] Tornou-se então claro que a consciência nacional (nos que a podiam ter), a nossa razão de ser, a raiz de toda a esperança, era o termos sido.*¹²³”

Devido à nossa fragilidade na consciência histórica e os tumultos periódicos, esta voltou-se para dentro, do qual agora já não observamos a potencialidade do Portugal que poderia ser salvador, mas sim o Portugal d’*Os Lusíadas*, onde o termo nietzschiano *Gott ist tot* é aplicável para com a morte do potencial, e o agora para sempre presente olhar para o passado, onde “*O viver nacional que fora quase sempre viver sobressaltado, inquieto, mas confiado e confiante na sua estrela, fiando a sua teia da força do presente, orienta-se nessa época para um futuro de antemão utópico pela mediação primordial, obsessiva, do passado*¹²⁴”.

Moribundos na nossa presença imediata, o sonho e o imaginário começou a substituir uma realidade já falsificada, portanto, o sonho apoderou-se do passado e do futuro, numa demanda de retribuição, que possa justificar e contemplar uma possibilidade que seja justa para o seu Portugal. “*Cada período de forçado dinamismo tem sido seguido sempre do que, em linguagem freudiana, se chamaria o regresso do recalçado*”. Observa-se aqui a contínua referência ao movimento psicanalítico, pelo qual EL tem usado ao longo do ensaio.

Continuando com esta tese freudiana, pelo qual através do recalque mental, onde não é possível obter a finalidade de um luto, de maneira a aceitar a realidade e movimentar para o

¹²⁰ Idem, ibidem, pp. 26

¹²¹ Idem, ibidem, pp. 26

¹²² Idem, ibidem, pp. 28

¹²³ Idem, ibidem, pp. 28

¹²⁴ Idem, ibidem, pp. 28

futuro, não utilizando as ferramentas e conselhos que lhe apoiam, Portugal expressa a sua identidade de maneiras não-apropriadas e falsificadoras, em expressões incontinentes e, francamente, inoportunas, como EL afirma: *“Em nenhum tempo do seu percursos a existência nacional foi vivida em termos tão esquizofrénicos como no século XIX [...] O século XIX foi o século em que pela primeira vez os portugueses (alguns) puseram em causa, sob todos os planos, a sua imagem de povo com vocação autónoma, tanto no ponto de vista político como cultural”*¹²⁵.

A era de interrogação e analisar as componentes essenciais a Portugal tornou-se rica em pensamento metafísico, desde a Antero de Quental, Almeida Garrett a Alexandre Herculano. Da descoberta de África, Portugal renuncia outra vez a sua possível identidade e desmistificação, voltando outra vez às conquistas daquilo que não é verdadeiramente seu:

*“Portugal descobre a África, cobre a sua nudez caseira com uma nova pele, que não será apenas imperial, mas imperialista, em pleno auge dos imperialismos de outro gabarito.”*¹²⁶

Isto vai parar, outra vez, com aquela imagem do Outro, que Portugal se distrai para querer comprovar a sua verdadeira identidade, utilizando o animalismo que não se adequa as suas necessidades, conquistando através do imperialismo como se fosse um crachá de honra, que se está a pronunciar através da sua grandeza militar. Este não é o verdadeiro Portugal.

*“O ultimatum não foi apenas uma peripécia particularmente escandalosa das contradições do imperialismo europeu, foi o traumatismo-resumo de um século de existência nacional traumatizada”*¹²⁷.

Renunciando a sua própria identidade, Portugal adota o recalque da constante turbulência política e conquistadora do imperialismo, onde está irá continuar a ser uma dura lição de vida para Portugal, durante os próximos anos que se aproximem. O labirinto sem fim identitário parece não ter fim para o traumatismo-recalque de Portugal, pois enquanto não tem fim, o outro tem – com a própria queda da nação que é Portugal.

Como fabricação desta psicanálise freudiana, o saudosismo torna-se muito mais do que apenas uma expressão ou um sentimento. Torna-se a própria vivência em carne do que é o recalque de Portugal, que neste caso fez o impossível: Tornou o que é imaginário para o real, representando uma nação pela sua própria falta de resiliência e historicismo: *“O saudosismo será, mais tarde, a tradução poético-ideológica desse nacionalismo místico, tradução genial*

¹²⁵ Idem, ibidem, pp. 29 - 30

¹²⁶ Idem, ibidem, pp. 30

¹²⁷ Idem, ibidem, pp. 30

*que representa a mais profunda e sublime metamorfose da nossa realidade vivida e concebida como irreal*¹²⁸”

A saudade torna-se na externalização deste recálque histórico que Portugal tenta obter. Como consequência das suas constantes rejeições em abraçar o que realmente é na sua essência, a saudade torna-se neste sentimento tornado mito, onde se transforma numa imagem por algo perdido, sentido nostalgia agri-doce por aquilo que nunca teve, onde o irreal se torna real, tornando-se agora num fundamento do povo português, todos lamentando por aquilo que Portugal continua a rejeitar ser.

A continuação desta rejeição de Portugal pelo seu *dasein* continuaria a manifestar-se de várias maneiras. Uma delas foi na maneira de um totalitarismo “*patriótico*” que foi o Estado Novo e o seu Integralismo, tentando ocupar o sentimento de pátria por aquele da <<robinsonada>> intrínseca de Portugal:

*“Processos drásticos, regresso maciço da antiga e indiscutível autoridade majestática do Estado, mas sob a forma violenta do totalitarismo, pois sem ele não era possível recusar em bloco a herança de cento e poucos anos de <<tradição>> liberal. Era esse o preço a pagar para reajustar o País a si mesmo? Esse foi o desígnio e a pretensão do Estado Novo, curiosa mistura, em seus começos, de inegável sucesso, de arcaísmo e vanguardismo*¹²⁹”.

Portugal caí, nas falsas pretensões de um lacónico totalitarismo, onde a solução colocada na “antiga pátria” e valores tradicionais como a maneira correta e vital para trazer Portugal ao seu posto original como país grandioso e de valores virtuosos colossais.

O que nisto se traduziu foi acorrentar os valores progressivo e liberais de tradução do destino e substituí-los por animalismo antigo de valores medievais, voltando ao estado de vítima de Estocolmo, onde, agora presos pelos valores imorais do Estado Novo, ganhamos empatia e simpatia pela procura de um verdadeiro Portugal, por este vácuo de valores, tentando recompensar a realidade, quando, na verdade “*O nacionalismo orgânico do antigo regime favoreceu a objectiva desnacionalização de milhares de portugueses. Em compensação, teria contribuído para colmatar, melhor do que a ideologia patriótica do liberalismo, o abismo persistente entre a nossa autêntica realidade e a imagem hipertrofiada com que sempre temos vivido a nossa vida imaginária? [...] Não vivíamos num país real, mas numa <<Disneylandia>> qualquer, sem escândalos, nem suicídios, nem verdadeiros problemas*¹³⁰”

¹²⁸ Idem, ibidem, pp. 31

¹²⁹ Idem, ibidem, pp. 32

¹³⁰ Idem, ibidem, pp. 33-34

Todos os panoramas políticos em que Portugal se coloca não são nada mais do que carnavais e distrações temporárias para encontrar uma “desmistificação” sobre a identidade do seu próprio país. Esta desmistificação irá evoluir para o que agora conhecemos ser “a Nação”, que é nada mais nada menos do que uma vertente politizada, construída estrategicamente, com destino de encontrar um significado fabricado do destino português.

Isto iria envolver em muitas medidas socioeconómicas que iriam não aproveitar hermenêuticamente para analisar ou criticar o país.

Com censuras, violência, valores arcaicos, suspeita e uma política do medo bastante enraizada, nasceu uma antítese para tese que é o Estado Novo – o neorealismo:

“[...] operado graças a essa espécie de hegemonia espiritual que foi a do neo-realismo durante quase trinta anos não subverteu tanto como se podia imaginar a imagem idealizante de Portugal. De algum modo até contribui para a reforçar, não só como necessária para através dela reinventar <<no futuro>> um outro Portugal, livre, igualitário, fraternal, mas até no próprio presente (e no passado), reformulando no sujeito povo praticamente todos os clichés que até então haviam funcionado em relação ao <<português>> em geral e a Portugal¹³¹”

A identidade de Portugal, quase perdida pelo maniqueísmo e totalitarismo de valores antigos que o Estado Novo apresentou, respira nova vida com o neorealismo, onde, ao colocar os seus valores identitários antigos em repouso, respirando, agora, a Saudade como o seu luto indefinido, o neorealismo com as suas contribuições do igualitarismo e liberdade mudam, fundamentalmente, o destino do pequeno Portugal, alterando para sempre a sua história para com a sua identidade: *“ A imagem de Portugal não é subvertida pelo <<neo-realismo>>, mas readaptada à sua função reestruturante e futuramente harmoniosa de um país que um dia se libertará de males e taras passageiros”¹³².*

Agora, com nova vida, Portugal reinventa-se com as características e motivações que lhe apoiam os novos movimentos que desejam a este país que encontre a sua identidade, criando um surrealismo e uma dissonância para com o Estado Novo, rivalizando todos os aspetos em base que este totalitarismo tenta aplicar. O fenómeno da dicotomia da liberdade aplica-se.

Um Portugal livre e com provável destino contra um Portugal acorrentado às antigas maneiras de *ser*, não se vendo disposto a mudar nem a aceder às suas fundamentações, eternamente destinado a viver num limbo caótico. A Filosofia Portuguesa nasce com esta dicotomia: *“[...] o fenómeno da chamada filosofia portuguesa não mereceu a atenção devida. ou merreceu-a,*

¹³¹ Idem, ibidem, pp. 36

¹³² Idem, ibidem, pp. 37

*quer dos seus profetas e seguidores, quer dos seus irónicos impugnadores, em termos que não corresponderam à importância sociológica e mesmo mítica de tão singular aventura*¹³³”

Com isto, o que se quer dizer com “*filosofia portuguesa*” (se era filosofia ou não), está-se a mencionar a Geração de 70, portanto, em “plano nacional”, Sampaio Bruno, Cunha Seixas, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa; Em “plano universal”, Aristóteles e Hegel¹³⁴. O que quer dizer, esta amálgama de nomes e referências, que fez Portugal redescobrir-se outra vez? Essencialmente, integrar o misticismo intrínseco português, com noções do *geist* e da filosofia da história hegeliana e o esoterismo realista pessoano, em combinação com a procura da verdade metafísica em Aristóteles e Cunha Seixas.

De magnitude grandiosa, contudo, mantendo a humildade, este conjunto de pensadores vai ressuscitar a procura pela identidade portuguesa “*esse apologetismo intrínseco da excelência ímpar do ser português, não apenas na sua configuração ético-ontológica, mas cultural. Jamais o velho (mas histórico e situável) complexo cultural lusitano foi impugnado com mais veemência e mais cópia de argumentação do que sobe as plumas dos representantes desse movimento*¹³⁵”.

Existe agora, como um dos maiores desafios para a imagem de Portugal, uma junção de valores – o liberalismo pensante da filosofia portuguesa, e o imperialismo arcaico da fragilidade portuguesa, demonstrado pelo Estado Novo e todas as outras pretensões das conquistas de Portugal – e, com isso, uma imagem da presente cultura pode ser demonstrada, do qual as suas fragilidades intrínsecas como povo pequeno, duvidoso mas com poder para ser maior do que a sua geografia, o saudosismo domina o imperialismo e as suas conquistas e reestruturações com valores inalteráveis.

Contudo, sempre livre e “voador” com as suas possibilidades, Portugal admira e respeita o aspeto de liberdade, fraternidade e igualitarismo, onde se reflete o pensamento da Geração de 70. Como EL confirma: “*A fusão das duas imagens – a nacional e a imperial – começou no dia em que os reis de Portugal compareceram no tablado do mundo que os seus navegadores alargavam com o encarecente e renascente epíteto de <<senhores>> da Guiné, Etiópia, Índia, etc*¹³⁶”.

¹³³ Idem, ibidem, pp. 39-40

¹³⁴ Idem, ibidem, pp. 40

¹³⁵ Idem, ibidem, pp. 40

¹³⁶ Idem, ibidem, pp. 42-43

Embora “*Num dos momentos de maior transcendência da história nacional, os Portugueses estiveram ausentes de si mesmos, como ausentes estiveram, mas na maioria <<felizes>> com essa ausência, durante as quatro décadas do que uma grande minoria chamava <<fascismo>>*¹³⁷”, como se fosse um estado de hibernação para Portugal, repousando de tanta dissonância e esquizofrenia na sua definição própria, uma decisão foi feita. Entre o imperialismo estagnante e a liberdade como nova mitologia mas incerta para o destino de Portugal, esta última foi a decidida para com a decisão de nova mas fascinante mitologia:

*“Todavia a ideia óbvia que Portugal acabara de viver o fim de um ciclo histórico impôs-se [...] Rei morto, rei posto, mitologia colonial e colonialista defunta, nova mitologia nacionalista se começa a reformular para que a imagem mítica caduca, em que nos revíamos com complacência, pudesse servir de núcleo e alimentar o projecto vital, histórico e político de um povo [...]”*¹³⁸

O 25 de Abril foi esta revolução identitária. Chacinou-se o animalismo imperialista e a sua necessidade incessante de procurar alguma nova parte da sua identidade conflituosa com a verdadeira e, finalmente, um passo para com a progressão da identidade lusitana foi feita, revolucionando e alegremente cantando pela nova reestruturação para a procura de Portugal, através das suas imagens intrínsecas e <<robinsonadas>> que sempre teve. O *ser* heideggeriano de Portugal esteve lá sempre, nunca a desistir que o continuemos a desmistificar. O Outro lacaniano é, agora, confrontando e prestes a ser dissecado e retirado do nosso espírito:

*“Nesta encruzilhada nos encontramos. O momento parece propício não apenas para um exame de consciência nacional que raras vezes tivemos ocasião de fazer, mas para um reajustamento, tanto quanto possível realista, do nosso ser real à visão do nosso ser ideal. Nenhum povo, e menos mais um povo de tantos séculos de vida comum e tão prodigioso destino, pode viver sem uma imagem ideal de si mesmo. Mas nós temos vivido sobretudo em função de uma imagem irrealista, o que não é a mesma coisa.”*¹³⁹

Assim estamos e ficámos nós. O espírito português parece continuar a ganhar, com a ajuda da Europa. Contudo, o estudo sobre a identidade de Portugal e as suas “representações” não pode parar. Se aprendemos alguma coisa com o imperialismo e Estado Novo português, é que pode haver uma recaída na fragilidade na identidade portuguesa, podendo entrar numa recaída arcaica, outra vez. Como EL conclui, como ponto de interrogação transcendente e

¹³⁷ Idem, ibidem, pp. 48

¹³⁸ Idem, ibidem, pp. 49

¹³⁹ Idem, ibidem, pp. 51

omnipresente: “Para quando a nova viagem para esse outro desconhecido que somos nós mesmos e Portugal connosco?”¹⁴⁰”

¹⁴⁰ Idem, *ibidem*, pp. 66

Conclusão

“É preciso que soe a <<hora da verdade>> para que a máscara tombe. Mas, mesmo então, a descida da espada é tão fulminante, abrupta e desmesurada, que mais a reforça do que a levanta. As chamadas <<mobilizações>>, na ordem externa, e <<intervenções>>, na ordem interna, revestem-se do aspecto das calamidades naturais.”

- Eduardo Lourenço, *Os Militares e o Poder*
seguido de *O Fim de todas as Guerras e a Guerra Sem Fim*

“Quando a tradição se torna mestre, esta o faz de tal maneira que o que ela transmite se torna tão inacessível, em maior parte, que chega a ser ocultado. A tradição pega no que nos alcançou e transmite; ela bloqueia o nosso acesso àquelas "fontes" primordiais das quais as categorias e os conceitos que nos foram transmitidos foram, em parte, genuinamente extraídos. De fato, este faz-nos esquecer que eles tiveram essa tal origem e faz-nos supor que a necessidade de voltar àquelas fontes é algo que não precisamos de entender.”

- Martin Heidegger, *O*

Ser e o Tempo

Conclusão

As representações de Portugal necessitam de continua reflexão, contemplação e investigação metódica. Não porque não existem ou tenham que ser implementadas com pura inovação, mas porque a sua fragilidade é intrínseca para com a sua natureza. Sendo assim, estudos têm que ser feitos para realizar este dever que Portugal merece.

Eduardo Lourenço, como observamos, tem um *organon* rico e extenso sobre estas questões. Aliás, é completamente válido admitir que o trabalho de vida deste autor foi mesmo esse: Ajudar a dissecar e a tentar implementar medidas, conceitos e definições fulcrais para que este país, merecedor da sua glória e unicidade, encontrar a sua identidade e cultura, sendo mais fácil assim se entender o que presentemente possa estar a acontecer e decifrar.

Como estes estudos são de grande importância, após o ter feito nesta dissertação, questões têm que ser apresentadas e um estudo da arte para um desenvolvimento tem que ser feito. Sendo assim, vou apresentar questões e visões possíveis dentro de cada uma das representações que apresentei, em que estas fazem parte de Portugal como um todo:

Quanto à cultura – cada vez mais integrada é a transição de uma *kultur* homogeneizada da Europa, em Portugal. Será que isto pode trazer os seus próprios problemas?

Por um lado, devido à instabilidade da cultura portuguesa, que se manifesta através da sua fragilidade, um apoio integrado da Europa como essência ajuda bastante a guiar Portugal.

Contudo, não querendo que se torne um risco de amalgamar culturas, seria uma honra e bastante merecido Portugal ter a sua cultura própria sem esta necessitar de um apoio ontológico exterior. Ao mesmo tempo, esta noção já está tão enraizada na nossa história, que não seja possível conseguir tornar essa incompatibilização.

A questão torna-se, então: Com uma metafísica tão inerente a Portugal, em que maneiras é que esta pode ter consequências negativas na instauração da identidade de Portugal?

Efeitos duradouros como estes têm uma correlação em perdurar o legado do país que está a ajudar.

A investigação dos estudos portugueses no que toca aos efeitos do Europeísmo tem que ser aprofundado e discutido, caso não vá Portugal ser apenas mais uma impressão viva de uma manifestação Europeia.

Quanto à identidade – O fascínio que Portugal tem para com o prático, apesar de ser um benefício no que toca à produção física, gestão e eleição das ciências, tal como temos visto a subida nestes estudos nos últimos anos, é preocupante o afastar da teoria.

Isto faz com que o necessário seja a teleologia das coisas, a sua finalidade. O estar somente preocupado com o resultado, imediato ou não, de uma fabricação prática, não responsabiliza nem dá uma identidade ao país. Somente dá frutos de merda sobrevivência, desejo carnal e hedonismo, futuro bastante ermo para qualquer identidade cair.

Para complementar ambos ou focar principalmente num, uma vertente forte tem que ser iniciada ou praticada dentro da identidade portuguesa, intrinsecamente envolvendo a cultura.

De que maneira é que possa ser possível uma compatibilização de Portugal com a teoria?

No final do dia, a teoria exige rigor e entendimento *à priori* ou *à posteriori* de conceitos e as suas definições, aspetos que já reparamos que Portugal tem um severo defeito em entender.

Esta torna-se, então, uma preocupação imediata.

Não será possível entender ou aprofundar os estudos portugueses se a própria identidade de Portugal não aplicar ou perceber teoria.

Quanto à Saudade – observo esta entidade metafísica como um benefício para com o destino e cultura portuguesa.

Ela é responsável por manter uma distância para com o nosso passado falhado e é a maneira principal pelo qual, hermenêuticamente, temos uma ligação intrínseca com a nossa cultura. Tal como EL disse, nós não sentimos a saudade, mas sim vivemos a saudade. Uma ferramenta agri-doce, contudo, eficiente, a saudade vai continuar a progredir com o seu luto freudiano a continuação das nossas irrequietudes para com o passado, não deixando afetar o futuro, pois isso é para algo mais que a saudade – é para conosco, os portugueses e o nosso desenvolver historiográfico.

A nostalgia alegre, como EL chama a saudade, também serve como mitologia ontológica, pois observa-se através dela um Portugal que era do passado, d'*Os Lusíadas*, de imperialismos, de conquistas, do Catolicismo, enfim, do animalismo que tentamos aplicar para poder provar algo que não eramos.

A saudade, é, na sua essência mais pura, as nossas imagens, a nossa imagologia, a nossa herança e poder enquanto portugueses – O poder de aprender e transformarmo-nos com irremediável nostalgia, como se fossem cicatrizes da autoflagelação do passado.

Quanto ao destino – de tudo o que se poder dizer sobre Portugal, é que este tem uma histórica riquíssima.

Desde a sua psicanálise lacaniana do Outro, observando a Europa como algo que se possa apaixonar e fundamentar a sua cultura; a sua psicanálise freudiana para com o passado português imperialista, sendo que a saudade é um recalque irreal-tornado-real, sendo uma consequência desse passado; a hermenêutica aplicada para com o imaginário, para ser

possível haver um Portugal como cultura prática; Uma antropologia rica na imagologia lusitana, em que fundamenta a sua história com as relíquias e mitos portugueses.

Tudo isto aplica-se um eternismo, onde o tempo não é uma linha divisível por passado, presente e futuro. Todas estas medidas são aplicadas, presentes como identidade e referências para o futuro, onde agora se aprofunda os estudos nestas áreas, para haver mais elucidação sobre a realidade portuguesa.

Este eternismo agora avança com o neorealismo já acontecido e com a aplicada filosofia portuguesa, que denunciaram como vertentes da verdadeira identidade portuguesa conceitos como a liberdade, igualitarismo, independência e o romantismo.

Sendo assim, o aprofundamento destas áreas é fulcral, não só para não nos perdermos outra vez, tal como foi com o Estado Novo, mas sim para transcendermos certos aspetos lusitanos, onde estes possam, talvez, não ser só meramente conceitos e apropriações portuguesas, mas sim, aspetos de realismo moral, onde é, efetivamente, de bom crescimento os obter e viver por eles, para todas as entidades internacionais.

Bibliografia

Bibliografia Primária

Lourenço, Eduardo, *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1ª ed., 1999.

Lourenço, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 19ª ed., 2020.

Lourenço, Eduardo, *Ver é Ser Visto*, Lisboa, Gradiva, 1ª ed., 2021, pág. 83.

Bibliografia Secundária

Palmer, Richard, *Hermenêutica*, Introdução, pág. 15, Edições 70, 2018, 2ª Edição, Almedina.

Imbert Enrique Anderson, *A Crítica Literária: Seus Métodos e Problemas*, Almedina, 1986, 4ª Edição, Almedina

Rodrigues, Maria Teresa, "Eduardo Lourenço, hermeneuta do imaginário português", *Colóquio/Letras*, n.º 170, Jan. 2009, p. 236-250.

Maria Manuel Baptista, "Pela mão de Heidegger e Lacan... Ontologia e Imaginário em Eduardo Lourenço", *Colóquio/Letras*, n.º 170, Jan. 2009, p. 219 – 235

Mateus, Isabel Cristina. "" Cultura portuguesa e expressionismo" de Eduardo Lourenço: uma revisão.", *Universidade do Minho*, 2009

Piedade, Ana Nascimento. "Contornos da «Preocupação por Portugal» No ensaísmo de Eduardo Lourenço." *Universidade Aberta de Lisboa, Literatura Cultura e Popular em Portugal e no Brasil*, 2011

Fontes Auxiliares

Wheeler, Michael, "Martin Heidegger", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/heidegger/>, em 2. *Being and Time* 2.1 *The Text and its Pre-History*

Mulligan, Kevin and Fabrice Correia, "Facts", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2021 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/win2021/entries/facts/>, em 1.3 *Facts and Knowledge*

Stang, Nicholas F., "Kant's Transcendental Idealism", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Spring 2022 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/spr2022/entries/kant-transcendental-idealism/>, em 1.2 The Empirical Thing in Itself

Pellauer, David and Bernard Dauenhauer, "Paul Ricoeur", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Spring 2021 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/spr2021/entries/ricoeur/>

Blatti, Stephan, "Animalism", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/animalism/>.